

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARTA AKICO SATO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
PROFESSORES SOBRE A
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**

Campinas
2010

MARTA AKICO SATO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
PROFESSORES SOBRE A
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade
de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção
do título de Licenciado em Educação
Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

Campinas
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Sa83r Sato, Marta Akico.
Representações sociais de professores sobre a violência nas escolas /
Marta Akico Sato. – Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Elaine Prodócimo.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Representações sociais. 2. Violência nas escolas. 3. Bullying. I.
Elaine Prodócimo. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física. III. Título.

dilsa/fef

Título em inglês: Social Representation of teachers about violence in school.

Palavras-chave em inglês (Keywords): social representation; Violence in school; Bullying.

Banca Examinadora: Elaine Prodócimo; Luciene Regina Paulino Tognetta.

Data da defesa: 30/11/2010.

MARTA AKICO SATO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
PROFESSORES SOBRE A
VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**

Este trabalho corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Marta Akico Sato e aprovado pela Comissão julgadora em: 30/11/2010.

Elaine Prodócimo
Orientador

Luciene Regina Paulino Tognetta
Banca Examinadora

Campinas
2010

Dedicatória

Dedico este trabalho a
Otoosan, Okaasan e Hiro
pelo apoio, amor e carinho
que sempre tiveram comigo,
mesmo em meio à minha rebeldia.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos **meus pais** pela oportunidade de continuar estudando e concluir mais esta fase de minha vida estudantil.

Agradeço ao meu irmão **Hiro** pelo incentivo aos estudos e por ser alguém a quem admiro muito.

Agradeço às minhas irmãs de coração, **Bela e Gi**, pela amizade de longa data.

Agradeço aos FEFianos das turmas 06D, 06N e 07D e de outras turmas, pela amizade nestes quatro anos que se passaram e que possamos continuar juntos nesta caminhada pela vida.

Agradeço a todos os docentes e funcionários da FEF pela honra e oportunidade de terem sido meus professores e auxiliares.

Agradeço também os docentes do Instituto de Biologia e da Faculdade de Educação por todo o aprendizado que obtive.

Agradeço ao GEPA (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Agressividade) por despertar ainda mais o meu interesse pelos estudos nesta linha de pesquisa.

Agradeço ao BSUnicamp (Beisebol e Softbol Unicamp) por acompanhar minha vida universitária.

Agradeço à Jôse e ao Parker pelo apoio e companhia à distância quando estive do outro lado do mundo.

(continua...)

Agradeço à ABEUNI (Aliança Benéfica Universitária) por me cativar e incentivar minha solidariedade.

Agradeço aos demais amigos, colegas, supervisores de estágio, professores da rede estadual de ensino que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho.

Agradeço, por último, mas não menos importante (como você sempre diz), ao meu querido **Yuzzo**, que me fez e ainda me faz acreditar que o amor puro e verdadeiramente sincero existe.

SATO, Marta Akico. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR. 2010. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

A violência faz parte da vida das pessoas, e instituições como as escolas não estão livres desta violência que pode ser física, verbal ou psicológica, inclusive através do fenômeno *bullying*. Estas violências afetam a dinâmica do ambiente escolar, a saúde e também a aprendizagem dos alunos envolvidos, direta ou indiretamente, nesses tipos de conflitos. Os professores convivem com estes alunos e faz-se necessário investigar as representações sociais que eles têm sobre a violência nas escolas e como podem em conjunto com a comunidade e também com outros setores da sociedade, contribuir para a diminuição e/ou resolução destes problemas dentro das escolas. A pesquisa baseada em um questionário com cinco perguntas abertas foi respondida por 40 professores da rede pública estadual, da região de Campinas e que lecionam para diferentes níveis de ensino. Os resultados mostram que 40% dos sujeitos já sofreram algum tipo de agressão por parte dos alunos seja na forma física ou verbal e a maioria transfere o problema para a direção ou demonstra indiferença em casos de violência verbal, como formas de resolução. As respostas dos professores evidenciam a dificuldade em lidar com a resolução dos conflitos entre os alunos, deixando a cargo da direção. No entanto, os professores reconhecem seu despreparo para lidar com os conflitos entre e com os alunos, o que nos leva a pensar, sobretudo, na formação acadêmica que ainda forma muitos professores e poucos educadores, e também na formação continuada para que o professor atualize-se de sua prática pedagógica a fim de despertar maior interesse dos alunos pelas aulas, além de soluções para minimização da violência que envolva a participação da escola e da comunidade no entorno dela.

Palavras-Chaves: Representações Sociais; Violência nas Escolas; *Bullying*.

SATO, Marta Akico. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR. 2010. 70f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

Violence is part of people's life, and institutions such as schools are not free of this violence which can be physical, verbal or psychological, including the bullying phenomenon. Such violence affects the scholar environment dynamics, health and also the learner ability of the students, direct or indirectly involved in these kind of conflicts. The teachers have a close relationship with these students and it's necessary to investigate the social representation that they have over the violence in schools and how can they work together with the community and other departments of society, and contribute to reduce and / or resolve these problems in schools. The research based on a questionnaire with five open questions was answered by 40 teachers of the public grid, from Campinas region who teaches to different grades. The results show that 40% of subjects had experienced some type of aggression from students either physical or verbal, and most of them have sent the problem to the principal's office or showed indifference, in verbal violence cases, as a solution. The teachers answers illustrate the difficulties in dealing with the conflict resolution among students, leaving it into school's direction responsibility. However, teachers recognize their lack of preparation to work with conflicts between and with the students, which lead us to think, specially, about universities that still graduates a lot of teachers and a few real educators, also on continuous training so the teachers can keep their pedagogical practices updated in order to awake a bigger interest from the students to the classes, besides of solutions to minimize the violence that involves the school and the community on it's surroundings.

Keywords: Social Representation, Violence in Schools, Bullying

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Quantidade de professores que sofreram ou não algum tipo de agressão por um aluno	37
Figura 02 - Quantidade de professores que presenciaram ou não algum tipo de agressão entre alunos	47
Figura 03 - Quantidade de professores que já ouviram ou não falar de <i>bullying</i>	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de agressão sofridos pelos professores	38
Quadro 2 - Medidas tomada pelos professores para resolver os problemas	39
Quadro 3 - Tipo de intervenção feita pelos professores no momento do conflito	48
Quadro 4 - Palavras ou termos relacionados ao <i>bullying</i> pelos professores	52
Quadro 5 - Causas da violência nas escolas	54
Quadro 6 - Causas da violência nas escolas 2	54
Quadro 7 - O que a escola poderia fazer para diminuir os casos de violência	59

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CPTI	Centro Promocional Tia Ileide
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
FDE	Fundação para o Desenvolvimento da Educação
FEF	Faculdade de Educação Física
HTPC	Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

Ponto de partida.....	14
1 INTRODUÇÃO.....	17
1.1. Objetivo.....	20
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	21
2.1. Violência NA, DA e À Escola.....	21
2.2. <i>Bullying</i> : Assédio Moral na Escola.....	23
2.3. O conflito e o conflito na escola.....	28
2.4. As Representações Sociais da Violência.....	30
3. METODOLOGIA.....	33
3.1. Sujeitos.....	33
3.1. Instrumento.....	33
3.1. Procedimento.....	35
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
REFERÊNCIA COMPLEMENTAR.....	73

Ponto de partida...

Menina tímida, com seus 11 anos de idade, muito inteligente e que morava afastada da cidade, num sítio. Seu jeitinho meigo e gracioso, de cabelos ruivos, sardinhas nas bochechas e olhar sonhador. Assim, ela foi aos poucos fazendo parte da minha vida escolar, acompanhando-me no recreio, formando grupos de trabalho, ao lado de outras amigas. Não me recordo direito dos primeiros contatos que tive com ela, mas depois de um bom tempo, ela me contou que no primeiro dia em que começou a passar o seu recreio conosco, eu disse olhando para as outras amigas e apontando para ela: “Ela vai ficar com a gente?”. O tom da minha fala foi entristecedor para ela, pois parecia que eu não queria que ela ficasse conosco, mas mesmo não me recordando disso, foi a partir de então que passamos a nos falar todos os dias, a sentarmos perto para conversar e fazermos as tarefas das aulas.

No ano seguinte, com a mesma turma e com as mesmas amigas nossos laços tornavam-se cada vez mais fortes. Passamos a visitá-la em seu sítio para brincarmos todas juntas, fofocamos e vivenciamos nossa pré-adolescência juntas. Trocas, muitas trocas de segredos e confissões, além de infinitos conselhos.

Até aqui tudo corria bem. Pelo menos parecia. Foi, então, que no ano seguinte, quando estávamos na sétima série do Ensino Fundamental¹, um dia chegamos à escola e sentimos a falta dessa nossa amiga. Por sermos suas companheiras, alguém (não me recordo quem) nos comunicou sobre algo que a nossa amiga tinha feito. Ela tinha tentado o suicídio, tomando veneno de rato, e estava internada no hospital. Estado de choque. Eu não sabia o que fazer a não ser chorar e me questionar profundamente sobre os motivos que a levou a fazer isso.

Dias depois, nossa amiga retomou os estudos e todos a questionavam dos motivos e nós que éramos mais próximas resolvemos não cutucar a ferida. Pelo menos, eu não me recordo de ter conversado sobre o que aconteceu com ela e apenas seguimos nossa rotina escolar.

Hoje, não tenho mais contato com essa amiga. Cada uma seguiu seu caminho no colegial², em escolas diferentes. De vez em quando nos comunicamos através do Orkut³, mas não temos mais a intimidade que tínhamos quando estudávamos juntas.

¹ Atual 8º ano do Ensino Fundamental II

² Refiro-me ao Ensino Médio.

³ Site de relacionamentos na Internet.

Esta é uma história que havia caído no esquecimento, mas a disciplina sobre Agressividade na FEF/UNICAMP⁴ me fez recordar do acontecido. E hoje me questiono muito sobre o que a levou a cometer o suicídio, se fui negligente como amiga, se eu poderia ter evitado que chegasse a esse ponto, aconselhando mais e melhor, enfim.

Pensando bem, lembro de muitos momentos que, hoje, sei que se caracterizavam como situações intimidativas em relação a esta amiga. E não somente com ela. Talvez seu caso tenha sido o mais evidente devido à tentativa de suicídio, mas quantos dos meus colegas não passaram por situações humilhantes por serem gordinhos, magros demais, estudiosos, tímidos ou com poucas habilidades nas aulas de educação física? Claro que nem todos estes estereótipos, necessariamente, sofriam ou eram alvos de risadinhas, mas os que eram atingidos, ou tinham que aceitar a brincadeira para não serem excluídos ou acabavam redirecionando sua raiva a outros colegas.

⁴ Disciplina eletiva (optativa) da Faculdade de Educação Física na Universidade Estadual de Campinas, ministrada no 1º semestre de 2010, pela minha orientadora Prof^ª Dr^ª Elaine Prodócimo, para complemento de minha formação acadêmica.

1 INTRODUÇÃO

VIOLÊNCIA. Quando lemos, ouvimos ou vemos notícias relacionadas a ela, há uma espetacularização dessa informação, com intuito de atrair uma atenção imediata do público e deixando para o segundo plano, a reflexão acerca da notícia. Então, essa violência é apresentada como algo passageiro (através dos termos “onda”, “crise” e “surto”) ou como elemento integrante da condição humana (“A violência do indivíduo” ou “da sociedade”), dando um entendimento à violência como se fosse um fenômeno natural. (ANDRADE & BEZERRA, 2009).

A violência tornou-se um problema mundial de saúde pública, afetando a qualidade de vida da população, fazendo com que os países trabalhem com a prevenção de acordo com suas especificidades e predominância em seu contexto social e cultural. No Brasil, não é diferente e a violência tem atingido todos os segmentos da sociedade, nos lares, na vizinhança, na vida pública e na escola.

Falar da violência não se resume mais apenas ao ato agressivo em que marcas visíveis são deixadas (violência física). A violência também deixa outro tipo de marcas na vida das pessoas que sofrem com intimidações de colegas de trabalho, de escola, da própria pressão familiar quanto aos estudos ou mesmo daquele técnico esportivo que cobra seu rendimento a troco da primeira posição no campeonato.

Para Chrispino & Dusi (2008), a escola é tida como um espaço em que a sociedade acredita ser o ideal para reproduzir valores tidos como importantes para sua manutenção. Acontece que a família, em crise e em transformação como outras instituições sociais contemporâneas, passou a delegar funções à escola que antes eram tidas como de sua própria responsabilidade, o que acarretou uma mudança no perfil de comportamento do aluno e do que se atribuía como função da escola. Ainda segundo os mesmos autores, por outro lado, a massificação da educação trouxe para dentro do universo escolar um conjunto diferente de alunos, sendo certo que a escola atual – da maneira como está organizada e da maneira como foram formados os professores –, só está preparada para lidar com alunos de formato padrão e perfil ideal.

O nosso olhar atual nos leva a pensar que a escola vem sofrendo mudanças com o passar das gerações. Crise? Não sabemos. No entanto, será que um dia a escola já foi local em que a preocupação era somente com o conteúdo ensinado? Ou, será que este perfil ideal do aluno já não era questionado? Desde 1930, Piaget e outros autores já falavam na escola ativa (movimento escolanovista) que defendiam a existência de uma infância com características próprias, ou seja, a criança não era simplesmente um adulto em miniatura e que, portanto, é importante ressaltar que os alunos não aceitam mais a escola como antes.

Contudo, diante desta diversidade e mudança na função da escola atual, o professor também sofre mudanças no seu papel como educador, deixando de ser aquele que apenas deposita seus conhecimentos nos educandos que apreendem estes conhecimentos através da repetição e da memorização (FREIRE, 2005) para ser aquele que, além de trabalhar com os conteúdos de sua disciplina, seja capaz (e que reconheça a vantagem) de: integrar-se com as outras áreas do conhecimento; contextualizar os temas e assuntos tratados com a realidade em que vivem os alunos; diminuir a “distância” entre ele e os alunos; considerar a bagagem familiar, cultural e de vida que o aluno possui fora do âmbito escolar; entre outros, para que o aluno possa compreender o significado daquilo que está aprendendo, para que haja maior interesse nas aulas e que, assim, possa diminuir os conflitos na relação aluno-professor, proporcionando um ambiente agradável de convivência cotidiana.

A criança ou o adolescente, pode não ter ainda a capacidade ou mesmo a consciência de como funcionam as sociedades, como e o que determinam as regras sociais, até mesmo a compreensão do mundo em que vivem ou questionamentos simples acerca dos acontecimentos em suas vidas e, para sanar as dúvidas e anseios destes jovens, os professores e educadores são referência (além dos familiares e amigos) por estarem em contato com eles durante uma parte ou todo o dia. Devido a esse acompanhamento cotidiano, o professor pode perceber se há fatores externos (trabalho ou qualquer tipo de violência, por exemplo) ou internos (como problema de relacionamento pessoal com o professor ou com outros alunos) que influenciam no comportamento tido como negativo (desrespeito, indisciplina, conflitos em geral) de um determinado aluno em sua ou nas demais aulas ou mesmo fora da sala de aula.

Esta pesquisa foi pensada, inicialmente, a partir do interesse pela temática da agressividade em sua manifestação mais conhecida como *bullying*. No Brasil, os estudos são recentes, e apesar da palavra *bullying* ser pouco conhecida, ela pode ser bem compreendida por estar presente em algum momento de nossas vidas. Contudo, é válido, num primeiro

momento, investigar a existência ou não de violência nas escolas, constatar que tipo(s) de violência(s) mais se manifesta(m), e posteriormente trabalhar para diminuir ou eliminar estas manifestações negativas da agressividade por meio de projetos. E para isso alguns questionamentos iniciais são necessários: Qual a compreensão, por parte dos docentes, sobre a violência? Já presenciaram ou sofreram algum tipo de violência? Se sim, quais medidas foram tomadas? Quais são os tipos de violência presentes no ambiente escolar do ponto de vista dos docentes? Saberiam estes educadores, lidar com tal problemática? O que é o *bullying* para eles? E o que poderia ser feito para diminuir os casos de violência escolar?

Através destes questionamentos e das respostas podemos conhecer e saber o que os professores pensam sobre a violência escolar, considerando sua experiência na escola, sua visão de mundo ou mesmo experiência de vida. Esse conhecimento se revela muito importante, pois são os professores partes imprescindíveis na dinâmica escolar e muito contribuem para seu andamento. Esse material obtido foi visto e revisto com base principalmente na Teoria das Representações Sociais de Moscovici e discutido com outros autores relacionados ao tema.

1.1 Objetivo

A partir do exposto, este estudo priorizou focar o professor e objetivou analisar a representação social que professores e educadores de escolas públicas, e que lecionam em diferentes níveis escolares na região de Campinas têm sobre a agressividade e a violência escolar e sobre o fenômeno *bullying*.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Violência NA, DA e À Escola.

É importante, antes de tudo, esclarecer que existe a violência na escola, aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, por exemplo, quando ocorre uma briga entre alunos dentro da escola; a violência da escola, quando a violência é institucional, simbólica, reproduzida através de seus agentes (professores, funcionários, direção) pelos modos de atribuição de notas, de distribuição das classes, das punições, da elaboração (muitas vezes, unilateral) das regras e regimento escolar etc.; e também a violência à escola, que está ligada aos atos contra a escola, como provocação de incêndios, ameaças, insultos ou agressão aos professores e outros envolvidos no ambiente escolar e que tem relação direta com a violência da escola (CHARLOT, 2005).

A violência escolar, mesmo não sendo um fenômeno recente, vem se tornando um grave problema social. Na década de 50, nos Estados Unidos, as primeiras pesquisas realizadas apontaram transformações com o surgimento de armas (inclusive de fogo), drogas, gangues, narcotráfico nas escolas. Além disso, o ambiente escolar deixa de ser um local seguro e protegido, para ser palco de violência cotidiana do espaço urbano (ABRAMOVAY & RUA, 2003). Segundo as mesmas autoras, inicialmente a problemática da violência escolar tratava da indisciplina dos alunos, apenas. Hoje, engloba fenômenos como a globalização e exclusão social.

Ao falarmos da “violência” dentro do ambiente escolar, precisamos nos atentar para a amplitude desse termo, que pode considerar desde agressões graves até pequenas incivildades que acontecem na escola (DEBARBIEUX & BLAYA, 2002). Segundo o mesmo autor, devemos considerar como violência escolar delitos como furtos, assaltos, extorsões, tráfico, consumo de drogas etc.; incivildades; sentimento de insegurança ou violência (DEBARBIEUX, 1996 *apud* ABRAMOVAY & RUA, 2003). Charlot (1997 *apud* ABRAMOVAY & RUA, 2003) acrescenta a violência física como golpes, ferimentos, violência sexual e vandalismos; acrescenta também que as incivildades ou violência verbal

compreendem humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito; por fim cita a violência simbólica, que como consequência leva o aluno a não querer mais frequentar as aulas e achar que a escola é um local de desprazer e que os conteúdos ensinados não condizem com a realidade, além da violência das relações de poder entre professores e alunos.

Charlot (2005) também apresenta definições que diferenciam as palavras Violência, Transgressão e Incivilidade, não podendo utilizá-las como se fossem sinônimas, então, a Violência acontece quando se ataca a lei (por exemplo, quando ocorre uma lesão através de golpes e roubos ou casos de extorsão); a Transgressão é um comportamento gerado quando se contraria o regulamento, mas não é considerado ilegal (por exemplo, quando o aluno se ausenta nas aulas ou quando não faz um trabalho escolar); e por fim, a Incivilidade, não contradiz nem a lei e nem o regulamento e sim as regras de boa convivência (por exemplo, quando há grosserias, falta de respeito, desordem ou empurrões).

Pode-se dizer que as diferentes manifestações da violência (física, verbal, sexual e simbólica, além da psicológica e social) fazem parte do contexto da violência escolar.

Charlot (2002 *apud* CUBAS, 2006) também encontra dificuldade em tratar da violência nas escolas, sendo esta considerada um fenômeno recente, diferindo apenas em suas manifestações, por ele, separadas em quatro aspectos: violência mais grave, mesmo que raras; alunos cada vez mais novos envolvidos nessa temática; fatores externos e internos⁵ que interferem diretamente no espaço escolar; uma predominância de ameaça(s) a partir de repetição e acúmulo de violências menos graves.

Enquanto a preocupação central das escolas são as desobediências às ordens e às regras, crianças e adolescentes são intimidados, sofrem ameaças constantes, são expostos a possíveis humilhações e, em muitos casos, há dificuldade da compreensão por parte dos envolvidos na instituição escolar, de enxergar que estas manifestações também são formas de violência. Geralmente, situações como essas, de maus-tratos entre alunos, são tratadas como brincadeiras, mesmo quando a criança ou o adolescente tem coragem de contar o que está acontecendo a algum adulto. O primeiro passo, é nos sensibilizarmos com as situações de violência nas escolas, principalmente no que se refere ao *bullying* (Tognetta *et al*, 2010).

Este último aspecto tem sido maior foco de outros pesquisadores do assunto e será abordado a seguir.

⁵ Externos: questões de gênero, relações raciais, situações familiares, influência dos meios de comunicação, espaço social das escolas;

Internos: idade e série ou nível de escolaridade dos estudantes, regras e disciplinas dos projetos pedagógicos das escolas, comportamento dos professores em relação aos alunos e a prática educacional em geral (Abramovay & Rua, 2003).

2.2 *Bullying*: Assédio Moral na Escola

É importante atentarmos para algumas características particulares do *bullying*, que o diferencia dos demais tipos de violência. No Brasil, diversos estudiosos tem se debruçado sobre essa questão, tentando compreendê-la, demarcá-la e propor alternativas, além de trabalhar no esclarecimento quanto ao seu significado, já que tem sido utilizado pelos meios de comunicação e também pelos elementos escolares como sinônimo de qualquer tipo de violência que venha a acontecer dentro do ambiente escolar, o que será apresentado a seguir.

O *bullying* tem origem no termo inglês *bull*, que designaria touro, traz para o português o sentido de intimidação, “da força que assola, que menospreza, que diminui o outro” (TOGNETTA & VINHA, 2010, p. 3) e também do verbo *bully* que é provocar. Essa palavra foi mantida do original da língua inglesa para padronização. *Bullying* portanto, diz respeito a intimidação, o menosprezo, a humilhação e traz algumas características que determinam se a violência é ou não enquadrada no fenômeno *bullying* (TOGNETTA & VINHA, 2008).

Para Botelho & Souza (2007), o *bullying* caracteriza-se por variadas atitudes agressivas, intencionais e repetidas, de maneira insistente e perturbadora, que ocorrem sem motivo evidente, cometidas por um ou mais estudantes contra outro(s), dentro de uma relação desigual de poder. Estes mesmos autores acrescentam também que esse tipo de violência se manifesta de maneira sutil através de “brincadeiras, apelidos, gozações, trotes e agressões físicas” (p. 58).

Em outras palavras, podemos identificar quatro características principais que levam à identificação do fenômeno (Tognetta *et al*, 2010):

- ✓ Em primeiro lugar, *bullying* é uma forma de violência entre pares, ou seja, acontece entre os alunos. Então, os constrangimentos exercidos pelo professor para o aluno ou do aluno para o professor não são classificados como *bullying*.
- ✓ A segunda característica é a repetição: o alvo é intimidado ou humilhado mais de uma vez, cotidianamente.

- ✓ A terceira característica é a intenção de ferir: os autores de *bullying* escolhem seus alvos, que são, geralmente, pessoas consideradas “diferentes” e que se consideram vítimas da imagem reproduzida por aqueles que os intimidam.

- ✓ A última característica é a necessidade de um público: o autor do *bullying* busca humilhar seu alvo em público, o qual tende a concordar com a situação e a assiste sem nada fazer. É importante frisar que, ao público, há a “função” de legitimar esta situação. E quando, por alguma razão, não há observadores no momento, os autores de *bullying* tendem a contar depois para seus colegas (que são o próprio público), pois necessitam dessa aprovação.

Esta forma de violência silenciosa pode ser encontrada em qualquer tipo de escola, primária ou secundária; pública ou privada; rural ou urbana; católica, metodista, evangélica, espírita ou de demais religiões (BOTELHO & SOUZA, 2007). Vale ressaltar que *essa situação* existe em qualquer local onde haja relações sociais: no trabalho, na família, na política e na vizinhança, mas dá-se o nome *bullying* quando acontece somente no contexto escolar. Em se tratando do ambiente de trabalho, dá-se a esse fenômeno o nome de *moobing*, ou *assédio moral* (ALMEIDA & SILVA & CAMPOS, 2008).

Foi dito anteriormente que o *bullying* não pode ser considerado na relação aluno-professor, no entanto, é importante enfatizar que o professor ou qualquer outro agente do processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar pode potencializar manifestações de violência, inclusive o *bullying*. Como por exemplo, numa situação vivenciada por mim, um professor de Ciências na 5ª série costumava divulgar as notas dos alunos em ordem decrescente, da “melhor” para a “pior” nota, em voz alta para que os colegas da turma ouvissem a nota um do outro. Isto nos causava muita indignação e constrangimento, não somente para aqueles que tiravam as notas mais baixas, mas também aqueles que tiravam as notas mais altas porque depois eram chamados de “queridinho do professor” ou “nerd”. Aquela menina, da historinha que iniciei este trabalho, se encaixava neste perfil “nerd”, o que era motivo de intimidação pelos colegas de nossa turma.

Quanto à terminologia utilizada para explicar os “personagens” deste fenômeno, utilizamos o referencial de José María Aivilés (2005) e optamos pelo uso de autores ao invés de agressores, alvos em vez de vítimas e observadores ou espectadores ao invés de testemunhas, nomenclaturas estas utilizadas por outros autores atualmente. Isso porque o *agressor* é aquele que ataca ou agride o outro e assim considera-se apenas o ato agressivo em

si, como bater ou chutar, sendo que como já vimos, a violência causada pelo autor de *bullying* pode ser psicológica, sem envolver atos físicos. A questão é que agressor já vem carregado de sentimento ruim, de preconceitos, então, *autor*, traz não uma carga muito pesada, pois ele é agressor, mas também vítima de alguma situação que o levou a manifestar-se assim. Em se tratando da *vítima*, ela é aquela que recebe a ação do autor e estaria certo o seu uso, no entanto, o autor também pode ser vítima de alguma situação anterior que o levou a ser autor posteriormente, por isso, o uso da palavra *alvo* é mais adequado. No caso da vítima também é pela carga pesada negativa, pois parece que vítima é sempre passiva e as pessoas que a assistem sentem-se penalizados. E esse sentimento de pena o distancia dos demais, colocando-o num patamar inferior. Já a palavra *testemunha* também carrega uma conotação negativa, o que nos remete a uma testemunha de um crime, por exemplo. Por isso neste caso o *observador* é aquele que observa o ato de violência de um ou mais autores contra um ou mais alvos e se faz indiferente diante destas situações e o *espectador* também, pois assiste ao que para o autor é considerado um espetáculo.

Vale ressaltar neste momento acerca da tipificação, na caracterização dos autores, alvos e observadores, ou seja, na “rotulação” desses personagens para possível identificação do *bullying*. Então, descrevem-se autores de *bullying* como sendo pessoas tipicamente populares, agressivas com adultos, impulsivas, insatisfeitas com a escola, propensas à evasão escolar e absenteísmo e tendência a comportamentos de risco como consumir tabaco, álcool ou outras drogas etc. (LOPES NETO, 2005) e alvos como aqueles que apresentam aspectos físicos de sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, dificuldade de aprendizagem, ansiedade, aspecto depressivo e coordenação motora deficiente, entre outras características (FANTE, 2005). Contudo, é errôneo considerarmos estas características para então identificar se os alunos se enquadram como um destes personagens, pois se corre o risco de rotulação dos alunos sem, contudo, envolver o problema e correndo sérios riscos de enganos, e também levaria a escola a ter mais um problema, caso os profissionais não saibam lidar e utilizar estas informações corretamente.

Esta preocupação e crítica à psicopatologização dos envolvidos neste fenômeno foi apresentada em uma mesa redonda, pela psicóloga Ângela Fátima Soligo⁶ em que estavam

⁶ Ângela Soligo possui graduação, mestrado e doutorado em Psicologia pela PUC-Campinas. Atualmente é docente da Faculdade de Educação da Unicamp, Departamento de Psicologia e Coordenadora do curso de Pedagogia da Unicamp.

também presentes as professoras e pesquisadoras do assunto Elaine Prodócimo⁷ e Luciene Regina Paulino Tognetta⁸. Acreditamos que o trabalho não é identificar os perfis e sim realizar um trabalho como um todo em relação aos alunos de uma turma, por exemplo, a fim de aqueles considerados alvos se sintam indignados com sua própria situação e busquem superação deste problema e para aqueles que se identificarem como autores, que se coloquem no lugar dos alvos e sintam as angústias e sofrimentos causados por eles.

Vale ressaltar que algumas das características dos autores e alvos podem ser apontamentos de que algo não está indo bem. Quando a criança ou o adolescente pede para sair da escola ou começa a inventar desculpas para faltar à aula, são justificativas mais convincentes de que pode estar envolvido no fenômeno *bullying*, como alvo. E no caso dos autores, pode ser uma necessidade de chamar a atenção, de sentir-se seguro a partir dos atos de intimidação, ou quando demonstra ser o mais forte e seguro, na verdade o uso destas características de intimidação pode representar uma insegurança em si deste autor de *bullying*. Algo que tem chamado a atenção na mídia são as notícias relacionadas aos casos desse fenômeno, muitas vezes apontando apenas as causas e conseqüências imediatas, como por exemplo, a notícia veiculada nas páginas da internet em maio de 2010 no qual um juiz de Belo Horizonte sentenciou os pais de um aluno identificado como autor de *bullying* a pagar uma determinada quantia de dinheiro à família daquele que sofreu com as intimidações de seu filho. Casos como esse não apontam nenhum tipo de trabalho feito pela escola com os envolvidos no caso e simplesmente colocam a solução no âmbito judiciário, o que não resolve o problema, podendo acarretar numa piora desta situação, pois outras maneiras menos evidentes de intimidação e até envolvendo ameaças de morte podem acontecer.

Mais recentemente, em 20 de Outubro de 2010 foi lançada uma Cartilha sobre *bullying* pelo Conselho Nacional de Justiça, como parte do Projeto Justiça na Escola, “com o objetivo de aproximar o Judiciário e as instituições de ensino do país no combate e prevenção dos problemas que afetam crianças e adolescentes” (BRASIL, 2010, p. 1). Esta Cartilha⁹ foi elaborada pela psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, explicando as características e manifestações desse fenômeno, além de apontar características de cada um dos personagens

⁷ Elaine Prodócimo possui graduação em Educação Física pela Unicamp, mestrado em Educação Especial pela UFSCar, doutorado em Educação Física pela Unicamp. Atualmente é docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp e coordenadora do curso de Graduação da FEF/UNICAMP.

⁸ Luciene Tognetta possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Salesiano, mestrado em Educação pela Unicamp, doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP, doutorado Sanduíche pela Universidade de Genebra. Atualmente é pesquisadora e vice-líder do GEPEN - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral - UNICAMP/UNESP.

⁹ A Cartilha pode ser encontrada online e para download no site do Conselho Nacional de Justiça: http://www.cnj.jus.br/images/Justica_nas_escolas/cartilha_15x21cm.pdf

envolvidos, inclusive o que leva os autores (na Cartilha o autor é tido como agressor e o alvo como vítima) a se tornarem autores e como os alvos podem ser identificados tanto na escola quanto em sua casa. Além disso, aponta brevemente a influência familiar, se a ocorrência é maior ou não em escolas públicas ou privadas, sobre o papel da escola para lidar com estes casos. Compara também o fenômeno com outros países e a influência da sociedade atual. E por fim, apresenta em poucas linhas o trabalho que pode ser feito com os alvos para que possam superar o problema.

Gostaríamos de apontar sucintamente, sem uma análise muito aprofundada por não se tratar exclusivamente de um trabalho sobre a temática do *bullying*, que este material disponibilizado dá maior ênfase aos trabalhos em cima dos alvos, ao invés de trabalhar também com os autores e, sobretudo, com os espectadores que legitimam as ações destes autores. E também traz novamente o debate acerca da psicopatologização do fenômeno, do qual já falamos anteriormente, ao centrar-se nos diferentes envolvidos, não considerando outros aspectos como a própria estrutura da escola.

Antunes & Zuin (2008) trazem uma importante crítica sobre a forma como o *bullying* vem sendo abordado e como tem sido estudado:

Os estudos com base apenas em dados estatísticos e no diagnóstico de uma ocorrência, as intervenções baseadas em modelos de uma educação pré-determinada, assim como sua fácil assimilação e ampla divulgação pelos meios de comunicação de massa, o desolamento causado por suas conseqüências e a inquestionável necessidade de intervenções via imperativos morais, denunciam, ainda que apenas pelas lacunas, que tal conceito faz parte de uma ciência instrumentalizada e a serviço da adaptação das pessoas para a manutenção de uma ordem social desigual (p. 35, grifo nosso).

Coloca-se em questionamento, casos recorrentes atualmente nas escolas, em que ao identificar o fenômeno num determinado contexto, a medida tomada por elas é promover palestras sobre ética e moral, sobre não-violência, de como viver feliz sem as drogas¹⁰ entre outros, como soluções imediatas aos problemas relacionados à violência, inclusive casos de *bullying*. Ou então, ao identificar os envolvidos, é feito um trabalho com o autor, punindo-o com suspensões ou até mesmo com expulsões, o que não resolve o problema.

Concordamos novamente com Antunes & Zuin (2008) que ao classificarmos o fenômeno, estes se tornam naturais, e aí se encontra uma contradição, na qual ao serem

¹⁰ A palestra sob o título “Sou feliz sem drogas” foi ministrada numa escola em que realizei um dos estágios supervisionados da Faculdade de Educação da Unicamp, escola esta localizada numa região considerada como área de risco por ser em meio a uma favela na cidade de Campinas.

“tratados como naturais passam a exercer seu poder sobre o homem e se tornam mais incontroláveis, pois estão agora mascarados sob o rótulo da ciência.” (p. 35), ou em outras palavras encontrou-se o “nome do problema”, como se essa fosse a resposta procurada pelos pesquisados e agentes da educação.

Nos resultados e discussão trataremos mais sobre este polêmico assunto.

2.3 O conflito e o conflito na escola

Para Chrispino (2007), o conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento, que podem acontecer durante a infância, pela adolescência e ainda quando adultos com os conflitos intrapessoais (ir/ não ir, fazer/ não fazer, falar/ não falar, comprar/ não comprar, casar/ não casar etc.) e interpessoais como uma briga entre vizinhos, numa situação de separação familiar, em uma guerra ou mesmo num desentendimento entre alunos.

Segundo o mesmo autor, o conflito faz parte de nossas vidas e nossas atividades sociais, seja na contemporaneidade quanto nos tempos antigos e este se origina da diferença de interesses, de desejos e de aspirações que os indivíduos possuem. No entanto, na maioria das vezes, principalmente no ambiente escolar, estes conflitos somente são percebidos quando tem como consequência as manifestações violentas. Além dessa diferença de opiniões, o conflito também pode ser causado devido à dificuldade de comunicação, de condições para estabelecer um diálogo.

Pode-se dizer que o conflito será bom ou ruim, dependendo do impacto que causará num determinado contexto. Então, o conflito é necessário e são necessárias às relações entre as pessoas, como dito anteriormente, e ele possui vantagens, pois conforme Chrispino (2007, p. 17):

- ✓ Ajuda a regular as relações sociais;
- ✓ Ensina a ver o mundo pela perspectiva do outro;
- ✓ Permite o reconhecimento das diferenças, que não são ameaça, mas resultado natural de uma situação em que há recursos escassos;
- ✓ Ajuda a definir as identidades das partes que defendem suas posições;
- ✓ Permite perceber que o outro possui uma percepção diferente;
- ✓ Racionaliza as estratégias de competência e de cooperação;
- ✓ Ensina que a controvérsia é uma oportunidade de crescimento e de amadurecimento social.

Então, podemos dizer que é importante que o professor considere os momentos de conflito como necessários para reflexão e que juntamente com os alunos possa trabalhar as soluções para esses conflitos de maneira que possa também saber dos diferentes pontos de vista.

O *bullying* poderia ser considerado um conflito? Para Gagnaire *et al* (2000 *apud* TOGNETTA, 2005), o conflito pode ser uma “oportunidade”, se isto leva a uma tomada de consciência das dificuldades que temos em dizer o que pensamos, a nos defender diante das agressões que sofremos, de colocar-se no lugar do outro e perceber o seu ponto de vista e reconhecer que as palavras também podem ferir um sujeito. Contudo, para Tognetta (2005), o *bullying* se diferencia de um conflito normal ou cotidiano, pois soma-se a ele a agressão além do conflito, “(...) o que o torna doloroso demais e por isso a seriedade do assunto” (p. 4).

Chrispino (2007) traz a definição de conflito educacional que, “(...) para efeito de estudo, são aqueles provenientes de ações próprias dos sistemas escolares ou oriundos das relações que envolvem os atores da comunidade educacional mais ampla” (p. 20), o que se aproxima muito dos conceitos apresentados por Charlot (2005) acerca da violência escolar.

Em conversas informais com professores durante os estágios supervisionados, muitos tentam aproveitar a situação de conflito para uma conversa com os alunos, no entanto, veremos nos resultados que os respondentes em sua maioria acabam deixando a conversa de lado e enviando para a direção os alunos em conflito.

Miguel & Prodócimo (2009), em entrevista com uma coordenadora pedagógica de uma escola particular e professores, de 1ª a 4ª séries, sobre resolução de conflitos na escola, obtiveram que, na visão da coordenada e de uma professora de educação física, os conflitos devem ser resolvidos chamando os envolvidos e ouvindo-os. No entanto, outros professores afirmam que o método mais efetivo é através do castigo, por exemplo, deixando o aluno sem recreio o que significa privá-lo de um dos momentos pedagógicos mais importantes no ambiente escolar. As autoras apontam o primeiro método, a resolução através da conversa com os envolvidos, como uma dificuldade dos entrevistados em deixar as crianças resolverem seus próprios conflitos, sobretudo quando interferem de maneira a resolver o conflito no lugar da criança. A questão da resolução dos problemas através da conversa ainda será abordada nos resultados e discussão desta pesquisa.

2.4 As Representações Sociais da Violência

Em se tratando de uma pesquisa de cunho qualitativo sobre um tema cotidiano como a violência, é importante falarmos da Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici (1961), a partir de sua tese *La Psychanalyse: Son image et son public*.

Para chegar ao termo Representações Sociais, Moscovici, sob o alicerce da Psicologia Social, se baseou no que Durkheim (1898) chamou de Representações Coletivas nos primórdios da Sociologia como ciência, para a compreensão dos fenômenos.

Moscovici (1961, *apud* FARR, 2003), pesquisou “no mundo” e “na mente”, ou seja, buscou fontes nos meios de comunicação de massa e também aplicou questionários semi-estruturados¹¹ e fez pesquisa de opinião¹². Muitos outros pesquisadores se detêm apenas à mente dos sujeitos sem contrastar ou comparar com a realidade, que influencia muito na elaboração do que chamamos de mente humana ou pensamento. “Somente vale a pena estudar uma representação social se ela estiver relativamente espalhada dentro de uma cultura em que o estudo é feito” como afirmado por Moscovici (1961 p. 46 *apud* FARR, 2003).

Alexander (1997, *apud* PORTO, 2006), explica que através da observação e demonstração estatística constatamos explicações morfológicas, materialistas e estruturais e que através da metodologia pautada na explicação, introspecção e reconstrução imaginária (material empírico desta pesquisa) apresentamos explicações religiosas, emocionais e culturais. Com esta colocação, a mesma autora deixa claro que tais explicações articulam através de crenças e valores baseados na subjetividade do ser que argumenta a favor da temática a ser discutida e que, portanto, são conteúdos das representações sociais.

Jodelet (2001, *apud* PORTO, 2006, p.252) esclarece também que:

Frente a esse mundo de objetos, pessoas acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis por que as

¹¹ Tipo de questionário que contém perguntas abertas e fechadas. Por conter perguntas abertas e fechadas, esta técnica mescla objetividade com subjetividade e é indicada em casos em que se pretende obter um resultado prático mensurável quantitativamente, através da objetividade das perguntas fechadas e com uma compreensão imediata através de explicações mais profundas.

¹² É um levantamento estatístico de opinião pública sobre um determinado assunto ou tema.

representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana (...) Elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais.

Schutz (1982, *apud* MINAYO, 2003) considera o Senso Comum¹³ como um termo para as Representações Sociais do cotidiano e a violência faz parte do cotidiano da escola. Para o mesmo autor, o senso comum envolve um conjunto de abstrações, formalizações e generalizações e esses conjuntos são construídos, são fatos interpretados a partir do mundo do dia-a-dia. Além disso, para este mesmo autor, a existência cotidiana é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social.

É importante ressaltar que as Representações Sociais, mesmo partindo de uma fala individual, são condicionadas pelo tipo de inserção social dos indivíduos que expressam visões de mundo que explicam e dão sentido a um determinado fenômeno ao qual se ocupam, mas que também participam deste contexto, podendo então admitir uma conexão de sentido entre os fenômenos e as representações sociais (PORTO, 2006). Além disso, para a mesma autora:

O conhecimento via representações sociais (...) poderia ser dito de segundo grau, [pois] ao invés de centrar a análise nos dados brutos [de um determinado tema ou fenômeno], interroga(m)-se o(s) imaginário(s) construído(s) sobre [esse determinado tema ou fenômeno]. (p. 254).

Quando trabalhamos com a representação social, podemos nos referir a uma visão que as pessoas têm sobre algo, em outras palavras, temos a opinião das pessoas, seus olhares acerca de um determinado assunto cotidiano, que não necessariamente seja subjetivo a ela, podendo ser aquilo que é considerado politicamente correto para a sociedade e que podem ser influenciados por fatores como a mídia.

Mais uma vez a mídia aparece e neste caso, pode influenciar nas respostas dadas pelos professores acerca da violência que se tem observado hoje, acontecendo entre os muros da escola. Além disso, o que há é nela reproduzida é vivenciada na realidade escolar destes professores, que acabam por reforçar o seu discurso diante das comparações que podem ser

¹³ Gramsci também trata do senso comum, mas numa visão diferente da qual trabalhamos neste texto, porque para ele o senso comum é uma “filosofia espontânea”, sendo uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente ao homem pelo ambiente exterior (LOPES, 1996). Ver também leitura complementar com Thomas (2003)

feitas com outras realidades apresentadas. A isso podemos também denominar de senso comum, pois os indivíduos apresentam seu ponto de vista pautado naquilo que é exibido na mídia ou em crenças e valores pessoais ou o que vivenciam no cotidiano.

3 METODOLOGIA

3.1 Sujeitos

Participaram desta pesquisa 40 docentes, 32 professoras (sendo uma coordenadora pedagógica) e 08 professores, da rede de ensino público, com idade variando de 25 a 60 anos, com média de idade de 41,7 anos, selecionados, por conveniência, do interior do Estado de São Paulo, em Campinas (escola 1) e Indaiatuba (escola 2). Dos total de respondentes, 8 (20,5%) lecionam para o Ensino Fundamental I e II, 8 (20,5%) para o Ensino Médio, 21 (53,8%) para o Ensino Fundamental e Médio, 2 (5,1%) lecionam para todos os níveis, incluindo o EJA¹⁴, e 1 sujeito não respondeu, sendo esta a coordenadora pedagógica de uma das escolas. Da escola 1 participaram 10 sujeitos e da escola 2, 30 sujeitos.

3.2 Instrumento

Para esta pesquisa, optou-se por uma metodologia de pesquisa Teórico-Empírica, caracterizada, segundo Lüdorf (2004), pela realização de um trabalho de campo além da pesquisa bibliográfica.

Diante deste tipo de pesquisa, a técnica escolhida foi o questionário, constituindo um instrumento de pesquisa de caráter impessoal, sendo enviado pelo correio ou entregue diretamente aos sujeitos da pesquisa, que o respondem sem interagir com o aplicador, sendo obtida apenas pela forma escrita. O questionário visa atingir o maior número de pessoas, podendo ser aplicado e realizado com maior rapidez, além de ser adequado para obter respostas sobre assuntos gerais (LÜDORF, 2004) e, como no caso, sobre as representações sociais.

¹⁴ EJA: Ensino de Jovens e Adultos

As desvantagens, para Lüdorf (2004), desta técnica é o baixo índice de retorno, a anulação da “expressão de sentimentos” em função da estrutura rígida, não se aplica em analfabetos e as perguntas podem sofrer más interpretações sem chance de esclarecimento.

Ao trabalharmos com a representação social, para Porto (2006) esta se torna uma abordagem metodológica como um recurso para avanço da compreensão de uma mesma sociedade, o que descarta possibilidade de definições abstratas pela dependência no campo social no qual as representações são construídas. “As representações sociais são passíveis de distinções, em função dos múltiplos pertencimentos socioeconômicos e culturais nos quais os indivíduos e/ou grupos de indivíduos se inserem” (PORTO, 2006).

O questionário elaborado especificamente para este fim foi composto pelas seguintes questões:

1. Você já sofreu agressão/ violência por parte de algum aluno? () Sim () Não
 Se respondeu “Sim”, qual era a idade aproximada do aluno?
 Em que série estudava? _____ () Não sei
 Conte o fato:
 O que você fez?

2. Você já presenciou agressão entre os alunos? () Sim () Não
 Se respondeu “Sim”, que atitude tomou
 Que tipo de agressão é mais comum em sua escola?

3. Você já ouviu falar de *bullying*? () Sim () Não
 Se respondeu “Sim”, o que sabe sobre *bullying*?

4. Em sua opinião, quais são as causas da violência na escola?

5. Em sua opinião, o que a escola poderia fazer para diminuir os casos de violência?

3.3 Procedimento

Optamos pela aplicação do questionário pessoalmente ao invés do envio pelo correio para as escolas, a fim de obter maior número de retornos. Acreditamos que a presença do próprio pesquisador dá maior credibilidade ao trabalho, havendo oportunidade de nossa apresentação aos sujeitos, aumentando assim suas participações.

Inicialmente, entramos em contato com a direção das escolas e após explicitação da pesquisa, foi dada a autorização para aplicação do questionário durante a reunião dos professores (HTPC¹⁵, re-planejamento do semestre) e um termo de consentimento foi assinado pelos professores ao final deste questionário autorizando a utilização dos dados escritos para fins da pesquisa.

A escola 2 solicitou que a aplicação fosse feita num momento de re-planejamento do semestre e para a ocasião foi agendada uma oficina sobre o tema da agressividade, na presença de 30 professores, apresentada pela professora Elaine Prodócimo. O questionário foi entregue e respondido antes da oficina para que a mesma não influenciasse as respostas dos professores no estudo.

Na escola 1, o espaço que me foi concedido foi o HTPC, realizado em dois dias da semana, na quarta-feira e sexta-feira. Um de manhã (sexta-feira) para que os professores que lecionam à tarde possam participar e um à tarde, na quarta-feira, para os professores da manhã. Com a impossibilidade no comparecimento na reunião de quarta-feira, solicitei à professora mediadora¹⁶ para que aplicasse o questionário em meu nome e passei-lhe as informações necessárias para tal (sobretudo para que assinassem o termo de consentimento ao final e não deixassem de responder nenhuma pergunta), no entanto, apenas 04 professores estavam presentes na reunião. Na sexta-feira, eu mesma pude comparecer à reunião e aplicar o questionário, contudo, para a minha surpresa novamente, apenas 06 professores estiverem presentes nesta reunião.

¹⁵ Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo, que compreende de 2 a 3 horas de encontros semanais, remunerados, para a reunião de todos os professores da escola, a fim de discutirem ações educativas para melhoria do processo de ensino-aprendizagem, possibilitar momentos de reflexão sobre a prática docente, além de trocas de experiências e unificar as informações de todos os segmentos da escola.

¹⁶ Ver Resultados e Discussão para saber mais sobre o professor(a) mediador(a).

E, assim, o número de sujeitos desta pesquisa somou-se 40 professores e educadores (30 de Indaiatuba e 10 de Campinas).

Em seguida apresentaremos as respostas e discutiremos os pontos principais. Foi feita uma análise descritiva e, então, as respostas foram organizadas pelo número de vezes que foi mencionada pelos sujeitos em forma de quadros e em alguns momentos a quantidade de vezes encontra-se entre parênteses após a descrição da resposta em questão. Constatamos que, embora a questão da repetição das respostas não seja o foco da pesquisa qualitativa, e, mesmo em se tratando de um questionário predominantemente com questões abertas, as repetições permitiram a construção livre de categorias e mostram que a visão que se tem sobre algo (representação social) se concretiza conforme o cotidiano vivido por determinada categoria, no caso a dos professores ou educadores, em determinado contexto social, como a escola.

O uso da representação social se deu com a descrição das respostas, pelo agrupamento e análise em relação à literatura.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passaremos então a analisar as questões uma a uma e as respostas dos participantes desta pesquisa.

Pergunta 01: Você já sofreu agressão/ violência por parte de algum aluno? Se respondeu sim, qual era a idade aproximada do aluno? Em que série estudava? Conte o fato e o que você fez.

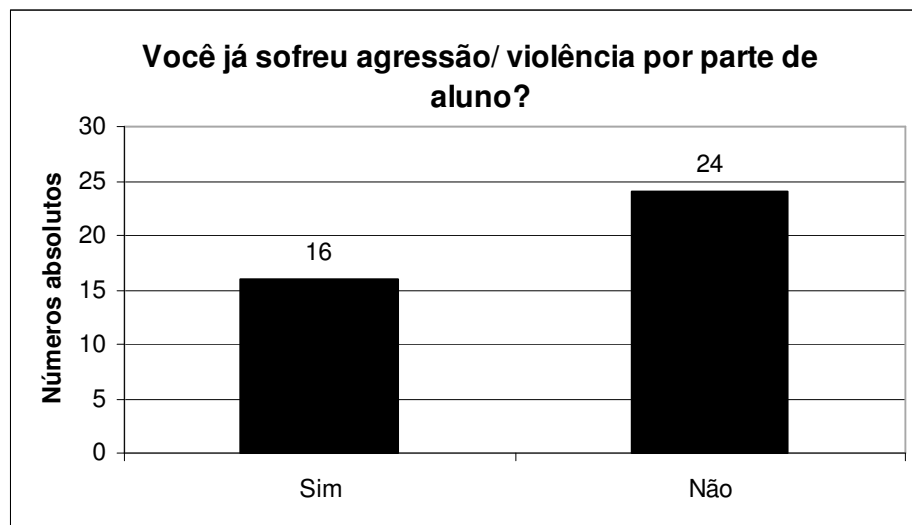


Figura 01: Quantidade de professores que sofreram ou não algum tipo de agressão por um aluno.

Conforme a figura de gráfico acima, dos 40 respondentes, 16 (40%) sofreram algum tipo de agressão/violência e 24 (60%) disseram que não. Talvez as palavras agressão e violência possam carregar uma conotação voltada à violência física, mas os casos relatados destes 16 professores se resumem em três tipos de ocorrência, conforme quadro a seguir:

Quadro 1
Tipos de agressão sofridos pelos professores

Tipo de agressão	Quantidade
Agressão verbal	12
Violência física	3
Ameaça de morte	1

O entendimento que os professores têm acerca da violência pode variar conforme as representações que fazem dela. Para Porto (2006, p. 263):

Varia igualmente segundo a natureza da sociedade na qual o fenômeno é definido. Sob este aspecto, quanto mais uma sociedade é unilateral quanto a suas normas e valores, tanto menos aparece o caráter relativo do conceito e se tem a ilusão de objetividade construída por uma suposta unidade de pontos de vista. Sociedades mais plurais convivem com uma multiplicidade normativa, coexistindo lado a lado, ou disputando hegemonia.

Em outras palavras, quanto mais respostas parecidas encontramos na fala destes sujeitos, podemos dizer que sua visão daquilo que os cerca ou da temática que se propõem a responder se aproxima do cotidiano vivido por eles, e então, tenderão a concordar um com o outro, o que evita choque de opiniões sobre um assunto, mas também diminui as chances de um diálogo construtivo através das diferentes opiniões que se tem sobre algo.

Outro ponto que dificulta essa resposta é o entendimento que os professores têm sobre o assunto. Alguns professores acham que agressão tem relação apenas com a violência física, outros consideram o xingamento (violência verbal), por exemplo, enquanto outros acham que não fazer a lição ou não serem cumprimentados pelos alunos nos corredores também são formas de agressão, ou ainda em alguns casos, a intenção também é considerada para qualquer tipo de ação tida como violenta. Não há consenso sobre o assunto, no entanto, consideramos estas variadas definições bem como atitudes, que dão uma idéia coletiva sobre o tema.

Com relação à idade dos envolvidos nos atos agressivos, a idade média das crianças e adolescentes foi de 14,1 anos de idade, sendo o mais jovem com 10 anos e o mais velho, com 18. E as séries em que se estudavam variaram entre 5ª série (6º ano) e EJA, sendo que a maioria se encontrava em sua série correspondente com a idade e apenas dois deles estavam atrasados em relação à seriação correta. Contudo, como os professores lecionam para diferentes faixas etárias, não é possível fazer uma estatística sobre qual idade que as crianças

ou adolescentes mais agridem, mas é possível perceber que esses comportamentos ocorrem nos diferentes níveis de ensino.

Quanto às medidas tomadas para resolver os problemas, dos 12 professores que alegaram violência verbal pelos alunos:

Quadro 2
Medidas tomadas pelos professores para resolver os problemas

Medida tomada	Quantidade
Encaminharam o aluno direto para a direção	5
Não fizeram nada ou se mostraram indiferentes apenas ignorando o aluno	4
Tentaram resolver em sala de aula	2
Retirou-se da sala de aula	1

No caso da ameaça de morte, a professora pediu para afastar-se do cargo alegando que a direção nada fez para ajudá-la. E mesmo com seu retorno, não nos contou se houve melhora ou não depois do acontecido.

Nos casos da violência física, um aluno passou uma rasteira e a professora apenas chamou a sua atenção, dando sermão, mas nada mais foi especificado por ela; no outro caso, o aluno machucou a mão da professora ao chutar a porta pelo lado de fora enquanto esta estava sendo fechada e não conseguindo falar com o aluno, pediu ajuda ao coordenador para que chamasse sua atenção e também chamasse seus pais para uma conversa, e nada mais também foi escrito pela professora, se o aluno teve algum outro tipo de punição, além de ter sido advertido verbalmente, devido à lesão causada em sua mão; e no outro caso, alunos colocaram “tarrachinha” na cadeira da professora que se machucou, mas esta conversou com os alunos em sala e nada informou à direção.

A medida tomada por esta última professora que sofreu com a “brincadeira” que fizeram com que ela se machucasse e sangrasse, de não informar a direção, deveu-se, segundo a própria professora ao fato de saber que a direção apenas puniria os alunos (segundo seu próprio depoimento no questionário) e não resolveria o problema. Ela sabia que o problema era com ela, que os alunos fizeram isso com ela, então, conversou com eles e a mesma disse que depois a relação entre eles melhorou muito, pois ambas as partes puderam entender a situação um do outro.

Dos alunos que cometeram a agressão física contra os professores, dois tinham 15 anos e o outro, 16 anos. Em se tratando do desenvolvimento moral na criança, segundo Piaget

(1977), estes jovens poderiam encontrar-se no estado de consciência moral, na autonomia, fase em que predomina o respeito mútuo, a cooperação, o livre-arbítrio, a democracia, a lei de causa e efeito e a reciprocidade. No entanto, não se pode apenas considerar a idade para inferir que estes jovens estejam nesta fase, pois podemos dizer que algumas atitudes tomadas pelo professor, pela família e pela sociedade em geral tendem a manter o aluno na heteronomia quando aplicam castigos, por exemplo, mas também podem estimular a autonomia do aluno quando trabalham com as características apresentadas, como a cooperação.

Nos casos de violência verbal, uma das professoras que resolveu o assunto em sala de aula, primeiramente chamou a atenção do aluno por alguma situação não descrita e com isso o aluno revidou dizendo que ela não era a mãe dele para ficar chamando a sua atenção. E, então, ela pediu que o aluno se silenciasse para respeito com os demais colegas que estavam presentes na sala de aula. Em outro caso, a professora disse que tentou resolver o problema com o aluno em sala, mas dependendo da situação há necessidade de chamar os pais ou enviar para a direção.

Outro caso ainda, que chamou a atenção foi a de uma situação homofóbica vivenciada por um professor, em que o aluno o chamou de “bichinha” na frente dos demais. Ele disse ter se irritado com a situação, mas acabou não fazendo nada. Do nosso ponto de vista talvez seja fácil dizer que esta situação teria sido uma oportunidade para se conversar a respeito com os alunos, no entanto, por ter acontecido apenas uma vez pode ser que o professor tenha sido pego de surpresa e deixou o assunto de lado, mas podemos dizer que se esta situação se repetisse, certamente ele teria que interromper sua aula para então tratar do assunto com eles.

A maioria das respostas aponta para a agressão verbal, na qual o aluno responde ao professor com palavras e gestos obscenos. Além disso, notou-se que a agressão não partia do aluno e sim em resposta a alguma atitude tomada pelo professor, como chamar a atenção na frente dos demais alunos por estar conversando, por estar com os pés em cima de uma cadeira ou carteira, por não estar participando da aula. Isto não significa que concordamos que o aluno possa ficar com os pés sobre carteiras e cadeiras, e sim que se esse tipo de situação provocativa do aluno acontece, o professor pode ter indícios de que algo não está indo bem, e aproveitar o momento para conversar com o grupo sobre isso. Não significa também que este desrespeito seja somente com este professor, entretanto, independente de ser pessoal ou não deve ser conversado e não apenas repreendido na frente de todos os outros alunos, o que geralmente acontece e acaba se tornando uma bola de neve até chegar num ponto onde o

professor passa a encaminhar o problema à direção por não conseguir ou querer resolver em sala de aula.

Como foi dito no capítulo anterior, as incivildades como a falta de respeito e grosserias também caracterizam uma situação de violência e se relacionam diretamente com as regras de boa convivência, portanto, devemos atentar para com atitudes que possam deixar o outro numa situação constrangedora ou mesmo desrespeitosa. Fora do contexto escolar, uma analogia pode ser feita em situações como não adentrar estabelecimentos em geral sem camiseta (no caso dos homens), posto como uma regra de boa convivência, o que chega a ser óbvio como uma forma de respeito a si mesmo, para preservar a sua privacidade e a das outras pessoas.

Em um dos casos de encaminhamento para a direção, o aluno revoltou-se com a professora por ter anunciado as notas do resultado de uma avaliação perante os colegas de sala. A professora escreveu ainda que o aluno não havia tirado uma nota ruim, mas que mesmo assim não gostou de ter ouvido a nota ser dita na frente dos demais. Esta é uma justificativa que não convém, pois a exposição perante os colegas pode ser um fator de constrangimento e futuras “brincadeiras” com aquele que tirou a pior nota da sala, ou mesmo com aquele que sempre tira as melhores notas, como já foi dito em meu depoimento pessoal. Mais uma vez, podemos afirmar que este tipo de atitude do professor pode potencializar situações de violência escolar, além desta e a própria atribuição de notas serem consideradas como violência simbólica por Charlot (2005).

O encaminhamento do aluno à direção muitas vezes resulta em advertências e suspensões conforme o número de vezes que o aluno é enviado para lá. Em um dos estágios supervisionados realizados, numa conversa com a diretora de uma escola estadual, ela me explicou o caminho do registro de ocorrências dos alunos, ou seja, quando o aluno é enviado para a direção ele leva uma *advertência verbal* e se a “visita” se torna recorrente em seguida é dada a *advertência escrita* com a descrição da situação para a família do aluno que deverá trazer o “bilhete” assinado pelo responsável. Depois é suspenso por um, três ou cinco dias e se novamente aparecer na direção, o aluno é levado ao conselho tutelar onde é “julgado” e se não houver melhora no comportamento, ele pode ser expulso da escola. Na ocasião, a mesma me explicou que os professores cobram uma punição pela direção quando estes enviam o aluno “indisciplinado” e se nada é feito o professor até se recusa a entrar na sala de aula se o tal aluno estiver presente, mas esta situação pode variar de escola para escola.

Além disso, o próprio manual disponibilizado às instituições com Normas Gerais de Conduta Escolar¹⁷ traz as medidas disciplinares que devem ser adotadas em caso de não cumprimento dos deveres e incidência em faltas disciplinares dos alunos (FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FDE, 2009a):

- I. Advertência verbal;
- II. Retirada do aluno de sala de aula ou atividade em curso e encaminhamento à diretoria para orientação;
- III. Comunicação escrita dirigida aos pais ou responsáveis;
- IV. Suspensão temporária de participação em visitas ou demais programas extracurriculares;
- V. Suspensão por até 5 dias letivos;
- VI. Suspensão pelo período de 6 a 10 dias letivos;
- VII. Transferência compulsória para outro estabelecimento.

Estas podem ser consideradas medidas punitivas para os alunos, bem como o professor pode também utilizar-se de outras medidas punitivas para obter respeito ou mesmo para garantir sua autoridade perante os seus alunos, como por exemplo, a reprovação. No entanto, La Taille (1999) enfatiza que a punição deve ser uma exceção, sendo o último recurso a ser utilizado e não o primeiro, além de que isso deve aparecer quando o professor falha em sua autoridade e não para, então, substituí-la. Em outras palavras, ao falarmos de castigo, Foucault (2009) diz que o professor:

deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais freqüentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo. (p.173)

E se esta punição ou castigo acontecer, que seja de maneira a ensinar e não apenas privar o aluno de algo, ou em outras palavras, novamente nas de Foucault (2009, p.107), “que os castigos sejam uma escola mais do que uma festa”.

¹⁷ Da Fundação para o Desenvolvimento da Educação juntamente com a Secretaria de Educação e o Governo do Estado de São Paulo

Neste momento é válido falar sobre o papel do Professor Mediador, um cargo recentemente criado em que algumas escolas estaduais paulistas foram selecionadas, (aquelas situadas em regiões de maior vulnerabilidade) para ter apoio deste professor para resolver os conflitos na escola, atuando na mediação entre as atividades pedagógicas e as relações interpessoais de toda a comunidade escolar. No último estágio supervisionado realizado no segundo semestre de 2010, tive a oportunidade de acompanhar o seu trabalho.

O projeto de professor mediador está em fase de teste por meio de um projeto piloto do Estado de São Paulo e da Secretaria de Educação e tem como carga horária 20 horas semanais. As atribuições do Mediador, segundo o Sistema de Proteção Escolar (FDE, 2009a) editado em Junho de 2010 para o 1º Encontro sobre Mediação Escolar e Comunitária, são:

- ✓ Adotar práticas de mediação de conflitos no ambiente escolar e apoiar o desenvolvimento de ações e programas de Justiça Restaurativa¹⁸;
- ✓ Orientar os pais ou responsáveis dos alunos sobre o papel da família no processo educativo;
- ✓ Desenvolver atividades pedagógicas que contemplem a comunidade do entorno da escola;
- ✓ Analisar os fatores de vulnerabilidade e de risco a que possa estar exposto o aluno;
- ✓ Orientar a família ou os responsáveis quanto à procura de serviços de proteção social;
- ✓ Identificar e sugerir atividades pedagógicas complementares, a serem realizadas pelos alunos fora do período letivo;
- ✓ Orientar e apoiar os alunos na prática de seus estudos.

Ainda nesse documento (FDE, 2009a) publicado no site da maioria das Diretorias de Ensino do Estado de São Paulo, o Professor Mediador Escolar e Comunitário é:

- ✓ Educador de proximidade, que acompanha o cotidiano dos alunos, das famílias e do bairro, pela mediação e articulação das relações interpessoais de toda a comunidade escolar.
- ✓ Não faz uso, em sua prática pedagógica, de abordagens punitivas ou retributivas, mas instrui seu trabalho docente a partir de métodos colaborativos e restaurativos.

¹⁸ A Justiça Restaurativa permite refletir sobre o que aconteceu, porque aconteceu e quem foi afetado para que o aluno “infrator” tome consciência das consequências de seus atos. Este assunto também foi trabalhado no 1º Encontro sobre Mediação Escolar e Comunitária.

Não como forma de “denúncia”, mas da experiência no acompanhamento deste cargo podemos apontar o que acontece na prática e as dificuldades enfrentadas pelo professor mediador em exercer a sua função como ela deveria ser.

Foram muitas horas de conversa e acompanhamento do trabalho da professora mediadora que gentilmente compartilhou seu pouco tempo de permanência na escola para nos explicar e mostrar o projeto. Num primeiro momento, é válido dizer que esta professora residia em outra cidade onde atuava como professora de Biologia e se dirigia todas as terças, quartas e quintas à escola de Campinas para exercer sua nova função¹⁹. Não sendo moradora da região onde atuava, teve que, num primeiro momento, conhecer a região e o entorno da escola onde trabalharia, para então entender e se familiarizar com as relações sociais presentes naquele contexto de uma região considerada vulnerável, em meio ao predomínio do tráfico de drogas e outras situações de violência. Local no qual professores que lecionam à noite precisam sair escoltados pela polícia para não serem agredidos pelos moradores daquela comunidade, por exemplo.

A professora dividiu seus anseios e dificuldades em cumprir o seu papel, o que ficou bastante evidente ao perceber que sua função era, em sua maioria, de receber os alunos encaminhados à direção pelos professores, por indisciplina ou outro problema, para dar advertências verbais e escritas, ligar para os pais dos alunos convocando-os para uma reunião, a fim de solucionar os problemas relatados pelos professores. Além disso, ficou bastante evidente que mesmo tendo um momento para conversar com os alunos, a própria direção solicitava que os pais fossem chamados, independente do problema, para que estivessem cientes do acontecido e que uma punição fosse dada ao aluno, como impedir que o aluno compareça às aulas (suspensão).

Um caso que gostaria de relatar e que ocorreu em minha presença foi o de um aluno (G., de 11 anos, 5ª série²⁰) que o professor enviou para a sala da mediação (a escola possui uma sala para que a professora possa receber os alunos) por estar mascarando chiclete durante sua aula. Antes mesmo de conversar com o aluno e saber o que aconteceu e perguntar o motivo de ter violado uma das regras da escola (Não mascar chiclete na sala de aula), a mediadora estava com o telefone nas mãos para ligar aos pais de G., mas (felizmente) ela interrompeu sua ação ao ver que o aluno começou a chorar desesperadamente. Ele nunca

¹⁹ Não me detenho a escrever mais sobre a mediação, pois isto é tema para outro estudo ou que deva ser trabalhado de forma exclusiva em outro trabalho de conclusão de curso, o que tem sido desenvolvido por uma doutoranda na Faculdade de Educação da Unicamp, no qual não pudemos ter acesso até a conclusão deste trabalho.

²⁰ Na escola onde este aluno estuda, a nomenclatura ainda não foi modificada para o sistema de ciclos (Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano e Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano).

havia sido enviado para a direção por temer algum tipo de punição ou mesmo castigo por seus pais e disse que não sabia que não podia mascar chiclete em sala de aula, mas o professor havia dito isso duas vezes e mesmo assim ele insistiu em mascar outro. Depois de um momento de conversa, inclusive com minha participação, nenhuma medida punitiva foi tomada.

Na situação descrita acima, pude conversar com a mediadora acerca da não-necessidade de chamar os pais para uma ocorrência como esta, além de indignar-me com o professor que enviou este aluno para a sala da mediação por este motivo, que não cabe ser resolvido por ela, a não ser que a intenção fosse esclarecer a este aluno e aos demais sobre a necessidade do cumprimento desta regra, o que claramente não era intenção inicial do professor que enviou o aluno para a direção ou para a sala da mediação.

Gostaria de compartilhar outro caso, este, mais entristecedor: enquanto “atendíamos” uma ocorrência de dois alunos que estavam ausentando-se da sala de aula sem a autorização do professor que os enviou para conversar com a mediadora, outra professora apareceu na sala da mediação com um aluno (C., de 13 anos, da 7ª série²¹) que, segundo ela, havia feito um desenho obsceno para ela. Muito revoltada, ela começou a elevar o tom de voz para que a escola inteira ouvisse, apontando o dedo em seu rosto e dizendo: “você é um nada”, “é um marginalzinho”, “você é um b*, que não vai ser ninguém na vida”, “você não tem solução e sua vida chegará no fim aos 16 (anos)²²”. Foi uma cena muito chocante, pois além dela estavam presentes, a vice-diretora e a própria mediadora que por conhecerem o passado de constantes visitas à direção por C., estavam atingindo o limite de suas paciências, dizendo então que o encaminhariam ao Conselho Tutelar para ser julgado e transferido daquela escola, além de fazerem uma denúncia pelo desenho feito, supostamente para a professora. Por ser meu primeiro contato com ele, eu não poderia em nenhuma hipótese sair em defesa do aluno por mais que esta situação fosse mais do que criminosa (um exemplo de violência da escola), em minha opinião, e extremamente desnecessária, que poderia gerar conseqüências graves para este aluno exposto a uma situação dessas.

Em alguns momentos tive a oportunidade de conversar com C. a sós, pois as professoras e a vice-diretora se ausentaram da sala, então, conversei sobre coisas que não se relacionavam diretamente à situação naquele momento, perguntei sobre sua família e nessa conversa soube que ele recebe uma bolsa de auxílio mensal por fazer parte de um projeto, em

²¹ Idem.

²² Considerando a maioria penal para 16 anos, o menino já estaria na cadeia se continuasse assim, segundo ela.

parceria com esta escola, chamado CPTI²³ onde frequenta aulas de violão e outras atividades no período contrário à atividade escolar. Isto também era de conhecimento das educadoras e que, então, retornavam à sala para dizer que ele perderia esta bolsa em caso de encaminhamento ao Conselho Tutelar.

Nesse curto momento de conversa, C. me contou também, sem muitos detalhes, que essa professora o perseguia desde a 6ª série, ou seja, há pelo menos um ano. E que o conflito recorrente entre eles se iniciou quando num infeliz momento, ele fez gestos obscenos a um colega e ela achou que tivesse sido para ela e, então, o enviou para a diretoria que o puniu sem poder esclarecer os fatos. Desde então, ele não a tem como professora que merece ser respeitada. Contudo, justificou que o desenho não havia sido feito para ela e foi parar na mão dela que se auto declarou como vítima.

Em nenhum momento foi dada essa abertura para que o aluno C. se justificasse, pois para os educadores ali presentes, ele era o “culpado”, mas eu contei à mediadora sobre esta situação enfrentada por ele e quando esta retornou da conversa com a professora, disse que ela não o denunciaria mais justificando sua atitude, sua violência contra aquele aluno, por estar de TPM²⁴. O aluno foi liberado, mas mesmo assim foi punido com três dias de suspensão. Num próximo encontro que tive com a mediadora, perguntei sobre esse caso e ela me contou que desde então o aluno nunca mais “deu problemas” aos professores (os problemas de indisciplina eram também relatados por outros professores), talvez pelo medo de perder a bolsa, talvez pela conversa que teve comigo e com a mediadora, talvez por tomar consciência de seus atos, talvez por ter perdido as esperanças de pedir ajuda.

Não podemos tomar como fato, mas podemos inferir que as indisciplinas que cometia e que o levavam sempre a ser encaminhado para a direção pudessem ser formas de chamar a atenção dos educadores, o que Winnicott (1999) chama de SOS, “que é um sinal de esperança no menino ou na menina anti sociais” (p. 81), ou em outras palavras, uma forma de chamar a atenção, diferente daquela que falamos anteriormente acerca do que caracterizaria um autor de *bullying*, pois neste caso não se trata do fenômeno, no entanto, este aluno pode vir a ser um autor a fim de reafirmar seu poder sobre os mais fracos, o que é uma das características do *bullying*, além das principais já citadas anteriormente.

²³ CPTI: Centro Promocional Tia Ileide, uma ONG sem filiação política ou religiosa que atua com crianças e adolescentes moradores da região de Nova Aparecida, distrito de Campinas/SP e atende famílias moradoras de áreas de ocupação, de nível sócio-econômico baixo, com condições financeiras precárias, defasagem na escolaridade e desprovidas de bens culturais e esportivos (Fonte: <http://www.cpti.org.br>).

²⁴ A Tensão Pré Menstrual atinge as mulheres, em menor ou maior grau, nos dias que antecedem a menstruação, caracterizada por irritabilidade e ansiedade acentuadas além de dor nas mamas e outras manifestações físicas.

O que o mesmo autor traz é a relação dessa tendência anti social com uma privação, ou em outras palavras, um fracasso, que a criança pode ter sofrido em determinado momento de sua vida, “quando a criança já tem idade suficiente para entender as coisas” (p. 82) e que pode ter influenciado em sua mudança no comportamento.

É importante destacarmos também o que o autor diz acerca desta privação: “A tendência anti social não se relaciona com uma carência, mas sim com uma privação”. Então, o que dissemos sobre “chamar a atenção”, neste caso, não se trata apenas de buscar um carinho e sim mostrar que algo de errado está acontecendo com ele, mas que não consegue simplesmente dizer da maneira mais simples ou através de uma conversa. E esta privação pode ter origem na família, o que será trabalhado nas respostas à quarta questão.

Pergunta 02: Você já presenciou agressão entre os alunos? Se respondeu “Sim”, que atitude tomou? Que tipo de agressão é mais comum em sua escola?

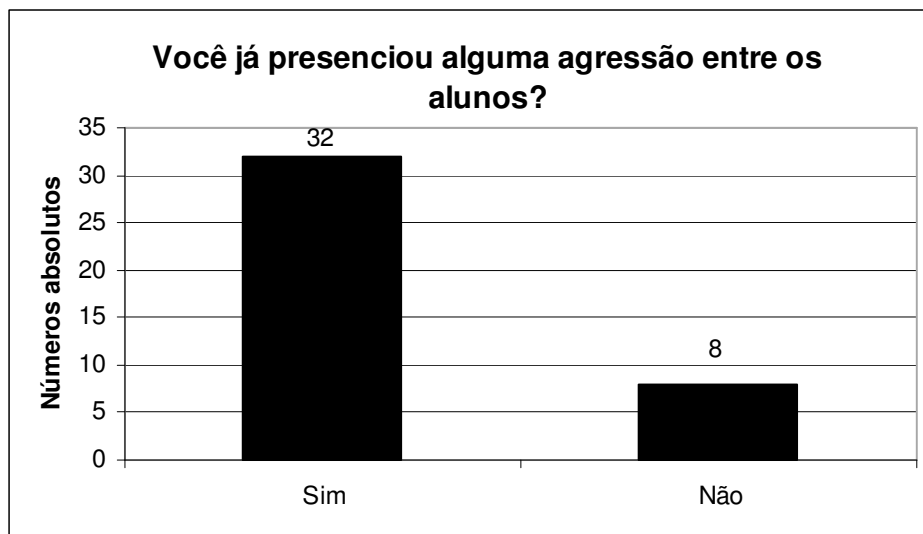


Figura 02: Quantidade de professores que presenciaram ou não algum tipo de agressão entre alunos.

Conforme figura de gráfico acima, ao serem questionados se já haviam presenciado algum tipo de agressão entre os alunos, 32 docentes responderam que sim e 08, não. Em relação aos tipos de intervenção feita pelos professores, no momento do conflito, as respostas se dividiram, conforme quadro a seguir, da seguinte maneira:

Quadro 3
Tipo de intervenção feita pelos professores no momento do conflito

Tipo de intervenção	Quantidade
Conversar com os envolvidos e encaminhar à direção	10
Conversar com os envolvidos	6
Encaminhar direto para a direção	6
Apenas separar os envolvidos no conflito físico	3
Conversar com todos	3
Conversar com quem agrediu	1
Conversar com quem agrediu e encaminhar à direção	1
Conversar com quem sofreu a agressão	1
Separar os envolvidos e encaminhar à direção	1

Questionados sobre o tipo de violência predominante, a agressão verbal foi citada 37 vezes, a agressão física apareceu 07 vezes e Outros apenas uma vez.

No caso dos professores que responderam ter separado a briga e conversado com os alunos, um deles disse que não somente conversou com os envolvidos, como também falou para a turma toda que esse tipo de atitude era “coisa de marginal” e outro disse ter conversado com a turma sobre paz e boas maneiras. Quanto àqueles que apenas conversaram com os alunos, alguns falaram sobre respeito, convivência e sobre conseqüências, outros sobre debater em sala de aula sobre o que aconteceu e apenas um disse que tentou conversar ouvindo os alunos. Essa última resposta para nós é interessante, mas não podemos inferir que os outros não tenham feito isso também por não terem escrito da maneira mais esperada por nós.

A maioria das respostas apontou para uma conversa inicial ou mesmo depois do encaminhamento à direção. É muito comum que em qualquer conflito que aconteça na escola, seja na sala de aula ou durante o intervalo ou em outro lugar, o aluno seja levado à diretoria. No caso dos conflitos em sala de aula, muitas vezes nota-se que eles poderiam ser resolvidos ali mesmo, em se tratando muitas vezes em ser um conflito pessoal entre o aluno e o professor, caso como o relatado sobre o aluno G na primeira questão.

Quando os professores referem-se à conversa para a resolução dos conflitos, retomamos o que a pesquisa de Miguel & Prodócimo (2009) apontaram, no qual também obtivemos: conversar com os envolvidos, conversar com todos, conversar com os agressores e com aqueles que sofreram a agressão. Sabemos que a conversa e o diálogo são muito importantes na resolução dos conflitos, no entanto, não sabemos como essa conversa é feita.

Então, Assis e Vinha (2004) afirmam que o modo como os professores lidam com os conflitos interpessoais faz diferença conforme a concepção que eles têm sobre isso, ou seja, a forma como realmente são solucionados esses problemas escolares demonstra a visão que os educadores têm dos conflitos e a importância que dão a ele. Se o professor apenas repassa ou “terceiriza” o problema para a direção, fica evidente sua preocupação com a resolução de um determinado conflito, independente da gravidade do mesmo ou quando tenta resolver o conflito pelo aluno, propondo a solução através de um simples aperto de mãos entre os envolvidos, por exemplo, fica também nítido que o problema não foi solucionado, ou em outras palavras o “incêndio foi apagado”.

Em observações feitas nas escolas durante os estágios supervisionados, pude presenciar estas diversas formas de resolução de conflitos, em sua maioria através de uma medida punitiva pela direção, mesmo que a conversa seja realizada. No caso do aluno C., citado anteriormente pudemos constatar isso, pois mesmo com a conversa e esclarecimentos acerca daquela situação enfrentada por ele, ele acabou sendo punido com a suspensão de três dias. No entanto, também pude presenciar um professor que simplesmente colocou os envolvidos em um conflito sentados num mesmo banco para que conversassem, sem interferir em nenhum momento, apenas os aproximou e pediu para que conversassem sobre o desentendimento que tiveram.

A questão da terceirização do problema também foi abordada por Tognetta *et al* (2010), em um estudo realizado com 150 escolares na região de Campinas, no qual os professores apontam a resolução dos problemas e conflitos em sala de aula colocando os alunos envolvidos para fora da sala (35,17%) e chamando os pais para solucionar o problema (34,7%). Além disso, neste estudo também se encontrou a resolução a partir de conversas, mas estas realizadas, em sua maioria, apenas com aqueles que agrediram o outro no momento do conflito, seja pela violência física ou verbal, eliminando-se assim a culpa do aluno que foi vitimizado, sendo que este poderia ter provocado o outro para que resultasse nessa agressão. Mais uma vez este tipo de atitude comprova certo despreparo do educador em lidar com o conflito de maneira que ambas as partes participem da resolução da situação em que se envolveram.

Neste momento, cabe ressaltar que não podemos culpabilizar somente a direção ou mesmo os professores por encaminhar os problemas aos pais, pois de acordo com o Manual de Proteção Escolar (FDE, 2009b), “A violência não deve ser tolerada no ambiente escolar e, embora nem sempre seja possível evitá-la, cabe à escola e aos pais ou responsáveis agirem na sua contenção, privilegiando o diálogo e promovendo oportunidades de solucionar conflitos

de forma pacífica e construtiva” (p.33). Sendo assim, mesmo que o conflito ocorra dentro da escola, os pais são contatados para ajudarem na resolução do problema porque algumas diretorias seguem o Manual, no entanto, sabe-se que na maioria das vezes os pais não acompanham a vida escolar de seus filhos por estarem trabalhando, por exemplo, e acabam não sabendo ou mesmo não entendendo o motivo pelo qual são chamados na escola, se lembrarmos, por exemplo, o caso do aluno G. em que seus pais seriam contatados para serem avisados de que seu filho foi advertido por estar mascando chiclete em sala de aula, o que muito provavelmente seria “ignorado” pelos pais em se tratando de algo que não interfere diretamente na vida familiar.

Pergunta 03: Você já ouviu falar de bullying? Se respondeu “Sim”, o que sabe sobre bullying?

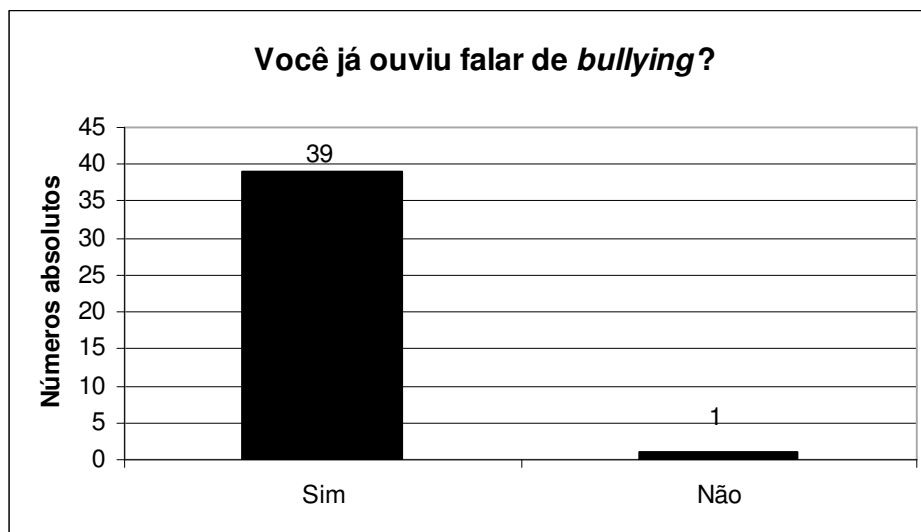


Figura 03: Quantidade de professores que já ouviram ou não falar em *bullying*.

Conforme figura de gráfico acima, dos 40 sujeitos participantes da pesquisa, 39 já ouviram falar de *bullying* e apenas 01 professora disse que não. No entanto, mesmo assinalando o desconhecimento do fenômeno a mesma respondeu o questionamento seguinte acerca do que sabe sobre o *bullying* e em sua resposta pudemos perceber que ela tem noção do

termo ao descrever que se trata de “uma maneira de ‘catear’²⁵ o colega; este ‘catear’ diminui a auto-estima da pessoa abordada, trazendo consequências psíquicas” (Sujeito 7). Não estamos aqui para considerar a resposta correta ou errada, mas esta resposta traz indícios de uma das características e consequências do fenômeno, que é a intimidação a fim de diminuir a auto-estima do alvo e que pode levá-lo a ter problemas psicológicos (citando o suicídio, ao extremo) e psíquicos (o alvo pode se tornar agressivo e até cometer homicídios, como nos casos famosos mostrados pela mídia²⁶).

Com relação às descrições acerca do fenômeno encontramos que:

- Sabe o que é (26)
- Sabe mais ou menos (13)
- Não sabe (1)

Classificamos como os que “sabe o que é”, aqueles que se referiram a pelo menos uma das características do fenômeno, citadas no capítulo anterior, como a ocorrência entre pares, repetição das humilhações e intimidações, intenção de ferir e presença de um público para que o autor legitime as suas ações perante os colegas. Aqueles classificados como “sabe mais ou menos” apontaram apenas as agressões físicas e verbais como características do *bullying*, além do sinônimo ao preconceito. E o sujeito que não soube responder havia assinalado que já tinha ouvido falar do fenômeno, mas não descreveu seu conhecimento a respeito.

Enumeramos no quadro a seguir a quantidade de vezes que as palavras relacionadas ao *bullying* apareceram nas respostas dos professores, somando-se aqueles que sabiam e sabiam mais ou menos:

²⁵ Supomos que a professora referiu-se à palavra “chatear”, no entanto, ela aparece duas vezes como “catear”, então, mantivemos a resposta da professora.

²⁶ Por exemplo, o Caso Columbine: dois rapazes, Eric (17) e Dylan (18), participavam de um grupo que faziam apologia ao satanismo, ao racismo, às armas de fogo e aos jogos violentos, somado às constantes gozações e humilhações na escola, um dia abriram fogo no refeitório da escola, matando um professor e depois nos corredores, matando 12 alunos (supostamente os que sempre marginalizavam eles) e por fim suicidando-se.

Quadro 4
Palavras ou termos relacionados ao *bullying* pelos professores

Palavras ou termos	Quantidade
Agressão verbal e/ ou física	23
Humilhar/ Ridicularizar/ Rotular/ Discriminar/ “Diminuir” a pessoa	18*
Repetição/ Perseguição	13
Ênfase em alguma característica física ou emocional/ Apelidar	8
Preconceito	3
<i>Cyberbullying</i>	3
Entre pares	3
Consequências psicológicas ou psíquicas	2
Intimidação	2
Intencional	1
Gera desinteresse da vítima em vir para a escola	1
Desequilíbrio de poder	1

* Não significa que cada palavra apareceu 18 vezes, apenas agrupamos devido à aproximação de significado. O mesmo para as outras respostas que aparecem reunidas.

Quando os professores citam a ênfase em alguma característica física ou emocional ou mesmo quando colocam apelidos em alguém a partir dessas características, estamos falando de diferenças entre os indivíduos. E assim como já foi falado anteriormente, não necessariamente todos os indivíduos gordinhos, baixinhos, orelhudos, cabeçudos, de cabelo ruim, com sardas, tímidos, de olhinhos puxados etc., necessariamente serão vitimizados pelas ações do *bullying*, mas aqui entra uma questão importante acerca daquele que é “diferente” dos demais e que por isso acaba chamando mais a atenção. Prodócimo (2009) afirma que no que se refere à reação diante do diferente, não estamos nos referindo especificamente a diferenças físicas ou emocionais ou até mesmo de gênero e “sim a todas as diferenças passíveis de preconceito.” (p.7376). Além disso, para a mesma autora:

Certos preconceitos e desnivelamentos de poder (relações hierarquizadas) podem ser a causas do fenômeno *bullying* por parte de quem se pensa como ‘melhor’ ou ‘superior’ àquele que é diferente. No caso do *bullying* pode ocorrer o inverso, ou seja, aquele que se acha inferior agride o outro como uma espécie de vingança pelo outro “ser melhor” do que ele. A violência ao diferente pode também significar uma intolerância ao fato dele não ser igual, não aderindo a homogeneidade tão buscada, ou uma reação ao fato dele mesmo, o agressor, sentir-se diferente e querer ser igual, a violência funcionaria como um ato de auto afirmação pela força, por meio da destruição do diferente. (p. 7380)

Não colocamos o *bullying* como sinônimo de preconceito, pois acreditamos que uma situação de *bullying* pode sim advir de um preconceito existente devido a algo que o diferencia dos demais, no entanto, enfatizamos mais uma vez que nem todo preconceito se caracteriza necessariamente em *bullying*.

Ao que resume essa questão das diferenças e a relação com a escola, encontramos nas palavras de Prodócimo (2009):

Acreditamos que os significados das ações violentas no ambiente escolar têm relação com a não aceitação das diferenças. E como não falar das diferenças se é justamente a escola um dos melhores lugares para olharmos para a diversidade. A escola é o local onde predomina a pluralidade do corpo social. Apesar de se configurar na maioria das vezes como um lugar que tende a homogeneização dos indivíduos, ela é um local múltiplo, com uma diversidade cultural admirável. Diversidade esta que apenas se inicia com a diferença entre os sexos, depois ela se multiplica em diversos setores da sociedade. (p. 7379)

Pergunta 04: Em sua opinião, quais são as causas da violência na escola?

Para as respostas a este questionamento também encontramos algumas repetições em meio a uma variedade de causas da violência na escola voltada, sobretudo a fatores externos, mas também a fatores internos e que serão discutidos após a listagem a seguir:

Quadro 5
Causas da violência nas escolas

Causas	Quantidade
Desestrutura familiar	14
Ausência da família tanto na vida escolar quanto na vida do aluno	12
Falta de orientação/ conscientização	7
Baixa auto-estima	4
Reflexo da sociedade	3
Falta de respeito	3
Vontade de humilhar o outro	3
Falta de amor e carinho	3
Impunidade	3
Falta de diálogo/ conversas	2
Violência doméstica	2
Ausência de valores	2
Falta de moralidade	2
Professores despreparados	2
“Espelho” da família	2
Influência da mídia, televisão	2
Corrupção, hedonismo, disputas amorosas, desvalorização do professor, conselho tutelar que não funciona, diferença nas opiniões, imaturidade, para auto afirmar-se, dificuldade de convivência, falta de religiosidade, desigualdade social, escola sem atrativos, salas superlotadas, falta de educação, ausência de limites e a transferência da responsabilidade familiar para a escola	1

Da quantidade total de respostas sobre as causas da violência nas escolas, obtivemos um total de 67 respostas. Pudemos ainda formular outro quadro a seguir que reúne as respostas relacionadas à família e as outras causas da violência:

Quadro 6
Causas da violência nas escolas

Causas	Quantidade
Família	30
Outros	37

A família foi mencionada pelos professores 30 vezes, o que representa uma porcentagem de 44,8% em relação às outras causas da violência apresentada no quadro anterior.

A desestruturação familiar, bem como a ausência da família na vida escolar e também na própria vida dos alunos é tida como causas principais das violências na escola, pelos professores. É inegável que a mudança na estrutura familiar que temos hoje é uma das causas externas à violência, assim como a vida social e a influência da mídia, esta última citada por dois professores, mas não podemos apontá-la como única “culpada” a fim de nos abstermos de nossa responsabilidade perante nossos alunos. A visão que ainda se tem hoje é aquela que a estrutura familiar é tida como parâmetro de normalidade em nossa sociedade, no entanto, ainda não nos acostumamos às mudanças ocorridas a ela.

Durante a Idade Média, a família era a única fonte de aprendizagem da criança até sua vida adulta, o que incluía suas experiências para se tornar parte da sociedade. As outras famílias também eram incumbidas da educação das crianças, o que o individualismo e a falta de ligação entre as famílias de hoje são incapazes (por não querer e também por não ter "tempo" de cuidar de seus próprios filhos) de fazer, o que acarreta mais uma vez na transferência dessa co-responsabilidade para as escolas, que se propõem a educar para a vida, não somente para o trabalho.

Aqui também caberia apontar uma discussão recente acerca do papel da escola que vem "perdendo" uma parte de sua função do ensino curricular para a tecnologia, pois o que antes era de domínio intelectual somente dos mestres, dos professores, hoje a internet fornece as informações de forma rápida, resumida e imediata e muitas vezes de forma mais interessante. E esse imediatismo está vinculado ao cunho consumista do capitalismo que vivemos. É claro que não podemos considerar que todo o conhecimento que temos na internet é cientificamente comprovado, no entanto, as crianças e os adolescentes não compreendem e não conseguem distinguir e dar a importância àquilo que realmente é dito científico. É preciso apontar e apresentar a importância do aprendizado em sala de aula, através dos professores,

bem como a importância do conteúdo a ser trabalhado com os alunos para que não corramos o risco de sermos, um dia, substituídos pela tecnologia.

Retomando a questão da família, Prodócimo (2008) atenta para o cuidado com o processo de culpabilização de diversos setores da sociedade, inclusive a família, excluindo-se assim educadores e professores dessa responsabilidade de ação. Nas palavras da mesma autora:

O fato da família estar profundamente relacionada com os comportamentos agressivos das crianças e adolescentes, só nos abre mais uma perspectiva de trabalho e nos mostra que qualquer trabalho efetivo quanto a esta questão precisa envolver não apenas a escola, mas também os outros ambientes sociais que envolvem a vida dos nossos alunos. (p. 1413).

No questionário, os professores apontam características encontradas nos alunos dos quais poderiam ser co-responsáveis, como por exemplo, a baixa auto-estima influenciada pela aula desinteressante ou mesmo pela dificuldade enfrentada por eles em compreender o conteúdo ensinado e assim sentirem-se desmotivados a continuar estudando ou pelo resultado das avaliações feitas. Abramovay & Rua (2003) falam da relação aluno-professor em suas pesquisas e mostram que "Os alunos valorizam professores que os incentivam a continuar nos estudos, mostrando-se interessados neles, preocupando-se com seu desempenho, dando conselhos, dialogando e sendo amigos" (p. 39), então, a atenção e o diálogo são considerados pelos alunos como fatores importantes para a aproximação dos professores. A falta de diálogo foi mencionada apenas três vezes pelos professores. Além disso, os alunos sentem-se revoltados quando há falta de comunicação entre professores e alunos, o que também pode afetar a auto-estima destes que não aceitam ser ignorados (ABRAMOVAY & RUA, 2003)

Em se tratando dessa indiferença dos professores para com os alunos, Tognetta *et al* (2010)²⁷ constataram em sua pesquisa que nessa relação, os alunos ao serem questionados quanto ao tratamento que recebem do(s) professor(es), quase 45% dizem que os professores não tratam nem bem e nem mal, o que acarreta numa indiferença por parte do professor seja por serem considerados maus alunos e não mais terem mais o empenho em interromper a aula para conversar ou resolver os conflitos com os alunos indisciplinados ou, pelo contrário, por serem alunos que não causam problemas ao professor e que por isso passam despercebidos sob seu olhar.

²⁷ Esta pesquisa foi realizada por mim, juntamente com alunos de outros cursos da licenciatura, no primeiro semestre de 2010 e apresentada no segundo semestre de 2010 no I Seminário VIOLAR, conforme referência.

Os professores trazem também a questão da falta de respeito. Segundo Piaget (*apud* Gallego e Becker, 2008), o respeito constitui o sentimento fundamental que permite a aquisição da moral. Ele fala da existência de dois tipos de respeito: o unilateral e o mútuo. O primeiro implica em desigualdade entre quem respeita e quem é respeitado e que é característico das relações de coação, já no segundo, os indivíduos envolvidos consideram-se iguais e respeitam-se, reciprocamente, o que ocorre na relação de cooperação. Segundo Gallego e Becker (2008), no respeito unilateral, a única forma de impor a regra ao indivíduo é a sanção. Já no respeito mútuo, a infração a regras de cooperação provoca a supressão momentânea dos laços de solidariedade. O que muitas vezes encontramos nas escolas são as relações de respeito unilateral, sobretudo quando se aplicam ao regimento escolar em que não há participação dos alunos na elaboração das regras e que quando são transgredidas, ocorre punição sob forma de advertências verbais ou até mesmo pela perda do direito a assistir às aulas.

Ao falarmos de respeito há que se falar sobre a autoridade do professor e para La Taille (1999), “o grande objetivo do professor deve ser o de deixar de sê-lo em relação a seus alunos. A relação professor-aluno é, por definição, provisória porque, se bem sucedida, a assimetria inicial dá lugar à igualdade e a dependência dá lugar à gratidão.” (p.13). Então, o professor não pode utilizar-se de autoritarismo²⁸ para obter o respeito perante seus alunos, por exemplo, através de gritos ou pelo uso de punições como já foi dito anteriormente, mas também isso não implica em ser um professor permissivo que deixa os alunos fazerem o que quiserem.

Em um estudo com escolares, Gallego & Becker (2008) pesquisaram sob o ponto de vista dos alunos quais as características dos professores que são considerados significativos para a vida escolar deles, e os resultados apontam que aquele professor “bonzinho” e que “dá nota” demonstra um desinteresse no aprendizado do aluno e aquele que se coloca em um lugar de igualdade com o aluno é considerado sem postura ética, ou seja, eles se referiram àquele professor “amigão” ou “camarada” e concluem que melhor é aquele professor “que se preocupa verdadeiramente com o aprendizado de seu aluno” (p. 129). E como síntese daquilo que os alunos esperam de um “bom professor” é que: a) saiba estabelecer uma relação de amizade num ambiente de cooperação; b) tenha domínio do conteúdo que vai trabalhar; e c) saiba auxiliar o aluno em sua construção de conhecimentos.

²⁸ Uso abusivo do poder.

No que concerne ao despreparo do professor, ainda vemos e presenciamos cenas no qual professores não estão preparados para lidar com as diferenças e os diferentes sujeitos no contexto escolar, sobretudo quando se idealiza ou mesmo há uma padronização daquilo que é considerado um aluno ideal, então, “aquilo que não está de acordo com o perfil esperado é considerado desvio e o professor não está preparado para lidar com o desvio, com a diferença” (EYNG & GISI & ENS, 2009, p. 471).

Outros fatores que comprometem ou atrapalham a vida escolar dos alunos são as salas superlotadas e a falta de atrativos nas escolas, o que remete ao que dissemos inicialmente acerca do interesse pelas aulas. Ao falarmos de salas superlotadas, sabemos que se trata de um problema infra-estrutural da escola e que o professor, muitas vezes, está sujeito a lidar com diferentes alunos em um pequeno espaço, dificultando também o seu trabalho, podendo não ter uma quadra coberta para dar suas aulas de Educação Física e não ter outro espaço para trabalhar em dias de chuva ou, então, não ter recursos audiovisuais em sala de aula para prender um pouco mais a atenção dos alunos e não ficar na frente deles num monólogo (o que na maioria das vezes acontece). A temperatura, a iluminação, o tipo de sala de aula, a posição dos alunos, até mesmo a disposição das carteiras influenciam na aprendizagem dos alunos, além de favorecer um ambiente mais agressivo pelo desconforto causado pela temperatura alta em uma sala sem ventilação, por exemplo, ou o não favorecimento de um trabalho livre e criativo devido a disposição das carteiras e dos próprios alunos sentados um de costas para o outro. Neste caso, cabe ao professor buscar recursos ou formular estratégias para levar o aluno ao aprendizado.

A questão dos atrativos nas escolas também é um problema apontado pelos professores, pois, muitas vezes, apenas o professor é tido como responsável pelo aluno, por gerar interesse por suas aulas, mas a escola também pode ajudar a partir do momento que promove, por exemplo, eventos que reúnem a comunidade, os pais e todos os agentes escolares. Esse tipo de ação proporciona uma vivência e uma aproximação dos alunos com os professores fora de sala de aula, o que é importante para criar vínculos entre eles

Pouco ou quase não vimos apontamentos sobre a escola como causadora da violência. Quando três professores responderam que existe falta de amor e carinho, por exemplo, não pudemos identificar se isso se referiu ao professor com seus alunos ou à relação apenas entre os alunos sem estes sentimentos que resultam nos conflitos entre eles. Além disso, ao apontarem a impunidade como uma das causas da violência na escola, pode ser que também que os professores se referiram ao fato de, por exemplo, alunos considerados bons quando enviados à direção por um determinado motivo, acabam não sofrendo nenhuma punição, o

que difere dos alunos considerados maus que, independente do motivo, acabam sendo punidos com uma suspensão. Outro exemplo, é que independente de serem bons ou maus alunos, quando não há coerência entre a causa de um conflito e a punição, muitas vezes, isso também pode causar uma sensação de impunidade.

Pergunta 05: Em sua opinião, o que a escola poderia fazer para diminuir os casos de violência?

As respostas a esta questão também foram variadas, no entanto, em concordância com o que responderam na questão anterior, sobre a ausência da família tanto na vida do aluno quanto na escola e sua desestruturação, muito se relacionam com as respostas obtidas neste questionamento, demonstrando que os pais precisam participar mais ativamente da vida escolar de seu filho para não transferir a responsabilidade da educação para a escola somente:

Quadro 7
O que a escola poderia fazer para diminuir os casos de violência

Respostas	Quantidade
Projetos	17
Orientação e mais envolvimento dos pais	14
Palestras com especialistas	12
Orientar sobre valores e respeito	7
Orientar os alunos	5
Debates	5
Diálogo	4
Presença de um psicólogo na escola	3
Rodas de conversa	2
Facilidade para expulsão dos alunos problemáticos	2
Atividades extracurriculares como esportes e lazer	2
Dinâmicas de grupo, cartazes falando sobre a paz, trabalhar com a paciência nos professores, tornar a escola mais agradável, orientar melhor os professores e exigir uma melhor atuação do conselho tutelar	1

A maioria dos professores que colocaram os projetos como forma de diminuir a violência na escola, também citaram que tipo de projetos deveriam ser criados, como com temáticas que envolvessem a comunidade, que fossem prazerosas, direcionadas à integração,

à interação de alunos e professores, que levassem à reflexão, que tratassem sobre a paz, o ser humano, a auto estima do aluno, a cultura, a cidadania, a ética, a moral e a própria violência.

Em seguida, a questão familiar é novamente mencionada. A escola, cada vez mais, tem encontrado dificuldades em fazer com que os pais se interessem pelas atividades escolares de seus filhos e que também consigam realizar uma conversa acerca do comportamento de seus filhos dentro da escola. No entanto, este é um assunto muito delicado, pois a escola precisa ter cautela e muito bom senso ao convocar os pais para um diálogo na escola, pois há casos em que os pais são chamados sem necessidade, como vimos que aconteceria com o aluno G., mas também a escola encontra barreiras em conseguir uma simples comunicação com os pais, seja por não terem como entrar em contato, ou por estarem trabalhando ou mesmo pelo desinteresse que demonstram, sobretudo quando há pouca presença dos pais em meio a uma reunião de pais. Também é preciso levar em conta como essas reuniões são feitas, muitas vezes são mesmo improdutivas.

Em mais uma experiência de estágio, fui convidada a participar de uma reunião de pais de uma turma de 7ª série (8º ano). Quando cheguei na sala, para minha surpresa, ela estava cheia de pais, no entanto, logo em seguida soube que os pais de outras quatro turmas estavam reunidos nesta mesma sala, ou seja, de cinco turmas, todos os pais presentes puderam ser reunidos em uma única sala. Não podemos inferir que seja um desinteresse dos pais somente, pois sabemos que muitas vezes eles encontram dificuldades para serem dispensados do trabalho para poderem participar destas reuniões de pais.

Quando os professores respondem que a escola precisa ter meios para facilitar a expulsão dos alunos ditos problemáticos, fica evidente que a preocupação não é com a resolução do problema e sim, apenas a transferência desta situação para outras escolas, o que demonstra certo despreparo do professor para lidar com a resolução de conflitos, de maneira a diminuir o atrito entre alunos e professores.

E quanto a esse despreparo, os professores reconhecem essa falta de experiência ou mesmo formação adequada para lidar com determinados conflitos. Além disso, sugerem uma formação continuada através de orientações com especialistas ou com a presença de um psicólogo na escola. Com relação a este psicólogo, acreditamos ser um profissional importante para auxiliar pais, alunos, professores e demais envolvidos no ambiente escolar, um cargo muito parecido com o do professor mediador, no entanto, fica evidente que não se deve transferir o problema ou a resolução do caso para estes profissionais. Devendo, então, utilizar-se da mediação para que os envolvidos possam resolver o conflito da melhor maneira

possível, sem que isso acarrete em impunidade e nem ao favorecimento daquele que foi vítima de uma agressão, por exemplo, se em caso de uma briga entre alunos.

Quando o conflito envolve o professor e o aluno, é importante também que tais profissionais saibam mediar a situação de maneira que não haja favorecimento apenas do professor, com a punição do aluno com advertência ou suspensão, o que muitas vezes acontece e que pudemos presenciar nos campos de estágios supervisionados realizados tanto pela FEF, quanto pela Faculdade de Educação, desta universidade.

De uma maneira geral podemos destacar uma parte do trabalho de Abramovay & Rua (2003), em que obtiveram resultados próximos acerca deste nosso quinto questionamento:

Os alunos, pais e professores insistem nas medidas baseadas na integração da escola com a comunidade, para conter a violência nos estabelecimentos de ensino. Destaca-se, como um indicador positivo, a vontade desses atores apostarem medidas de resolução compartilhada do problema, tendo em vista a indicação do diálogo entre alunos, pais, professores e diretoria, e a parceria entre escola e comunidade, como dispositivos importantes para conter as violências nas escolas. (p.69)

Além disso, as mesmas autoras também encontram respostas relacionadas à questão familiar:

A escola é vista, aparentemente, como elemento de mediação entre o aluno e a família, cabendo-lhe trabalhar os significados da violência dentro e fora de seus limites a fim de combatê-la, abordando aspectos importantes na vida do estudante que extrapolam os muros da escola e o período letivo. (p. 69)

A questão dos debates, das rodas de conversa e do diálogo é interessante. O debate e a roda de conversa promovem troca de opiniões acerca de uma situação vivenciada na escola entre pessoas com diferentes níveis de experiência, por exemplo, além de promover a reciprocidade, fazendo com que um se coloque no lugar do outro e assim buscarem soluções pacíficas para os problemas e conflitos na escola. Da mesma forma, o diálogo também promove essa troca e espera-se que com o tempo, em muitas das situações, não seja necessária a presença de um adulto para que os alunos consigam resolver os conflitos entre eles ou que os adultos tenham mais paciência (uma das professoras respondeu isso) para lidar com estes novos alunos desta geração. Também acreditamos ser importante trabalhar mostrando aos alunos as diferenças entre as gerações, para que possam compreender as dificuldades encontradas nos relacionamentos com aqueles que vivenciaram uma época diferente da deles.

A dificuldade que se encontra muitas vezes é a quebra dessa barreira de gerações existente entre professores e alunos, cada um importando-se apenas com a geração vivida por

ela, não estando aberta a conhecer o passado dos mais velhos, no caso dos alunos e nem querendo se atualizar, buscando entender também o contexto atual (imediatista e dependente da tecnologia), no caso dos professores. E isso acarreta na dificuldade da escola em lidar com os diferentes alunos e destes também entenderem a metodologia de ensino que não está em sintonia com aquilo que é vivenciado por eles atualmente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com Abramovay & Rua (2003) quando as autoras sugerem três etapas fundamentais para o combate à violência nas escolas: 1) realizar diagnósticos e pesquisas para conhecer o fenômeno em sua concretude; 2) legitimação pelos atores/sujeitos envolvidos (o que pressupõe a participação da comunidade escolar); 3) fazer um monitoramento permanente das ações nas escolas.

Da primeira etapa, destacamos sua necessidade, sobretudo quando não se conhece o contexto em que a escola está inserida, além de evitar “rotulações” como, por exemplo, a escola localizada em periferia é perigosa como tal ou que a violência é predominante nas escolas públicas, ou até mesmo para identificar que o problema da escola pode não ser o da depredação escolar e sim, a dificuldade de relação entre alunos e professores. Da segunda etapa, é muito importante o envolvimento de toda a comunidade, dos pais, dos professores, dos alunos e também dos outros agentes envolvidos no contexto escolar para que, por exemplo, projetos como a Cultura de Paz sejam efetivos em sua ação. E por fim, a etapa três, é a manutenção desse projeto ou mesmo verificação de sua necessidade, de aprimoramento ou mesmo de extinção em casos de mudança de foco no trabalho ao combate à violência escolar.

Para que o trabalho de todas estas pessoas envolvidas no ambiente escolar seja eficaz, é necessário primeiramente que a formação dos profissionais seja adequada no que se refere às relações humanas, ou seja, o que aprendemos na faculdade sobre o conteúdo a ser trabalhado com nossos alunos deve ser de domínio deste professor, sim, contudo, entendemos que uma devida atenção deve ser dada às disciplinas das Ciências Humanas, justificando o trabalho de um educador que lida com seres humanos. Por isso, é importante que o professor ou educador esteja preparado para lidar com diferentes alunos que ele venha a receber em sala de aula ou fora dela. Além disso, vale acrescentar que o conhecimento biológico mínimo necessário acerca das crianças e adolescentes também é importante, pois o educador deve saber que existe uma dificuldade em lidar com alunos em fase de puberdade, por exemplo, não deixando isso a cargo somente do professor de ciências, de biologia ou de educação física, para que esse educador também possa trabalhar com temas transversais que se entrelacem com o conteúdo de sua disciplina.

Para aqueles professores formados e que já trabalham nas escolas, é preciso dedicar-se à Formação Continuada, pois é através dela que o profissional pode atualizar-se sobre os seus próprios conteúdos trabalhados, buscando inclusive orientações acerca de novos meios para abordar determinado assunto em sala de aula, dentro de seu conteúdo ou mesmo diante de temas transversais, proporcionando melhorias em sua prática pedagógica ou didática. Já não é novidade que os temas transversais precisam ser trabalhados em conjunto com os conteúdos das disciplinas para que haja maior interesse, participação e motivação dos alunos em aprender algo, que esteja contextualizado com aquilo que vivenciam.

Em uma das respostas à pergunta cinco, uma das professoras sugeriu que para a escola poderia ou deveria ser um lugar mais agradável para que tanto alunos quanto professores e outros agentes educacionais possam conviver de maneira a evitar conflitos. Acreditamos que esse trabalho se resumiria na criação de vínculos entre estes sujeitos, que também deve ser trabalhado na formação acadêmica. Se o professor torna-se um adulto significativo para o aluno, esta relação pode favorecer a autonomia deste e a busca de um bem comum, se construído através de uma relação de afeto e respeito mútuo (GALLEGO & BECKER, 2008).

A inclusão nas escolas trouxe para dentro das salas de aula alunos de diferentes culturas, com diferentes níveis de aprendizagem e capacidades, e o professor precisa estar preparado para lidar com estas diferenças, e não esperar que os alunos sejam todos iguais e que fiquem em silêncio durante 50 minutos de sua aula. Então, muitas vezes o professor terá que lidar com os conflitos em sala de aula que podem não estar relacionados diretamente com ele, como por exemplo, podemos citar o filme “Escritores da Liberdade”²⁹, baseado em fatos reais e que aconteceu em uma escola norte-americana, no qual havia uma turma considerada a pior desta escola não somente pelo rendimento escolar que tinham, mas também pelas dificuldades enfrentadas por cada aluno em seu cotidiano, seja envolvido com o tráfico de drogas ou em gangues ou por outros motivos, e que foi designada para uma professora recém-formada. A dificuldade encontrada por esta professora em lidar com os alunos desta turma não se resumia ao desinteresse pelas aulas ou por alguma possível deficiência em sua formação, e consistia, sobretudo, no conflito entre os alunos por suas diferenças raciais. Em um dado momento ela teve que se envolver com eles para que pudesse também adquirir o seu respeito como professora. E esse vínculo foi criado a partir do momento que ela teve que discutir um assunto que não era domínio de seu conteúdo, mas que se relacionava com a

²⁹ Título original: Freedom Writers, 2007. 123 min. Direção de Richard LaGravenese.

realidade destes alunos, para que o interesse por suas aulas fosse gerado em consequência de sua ação primária.

Concordamos também com Eyng & Gisi & Ens (2009, p. 477), que o professor em sua prática pedagógica “se constitui o principal agente e deve ser o promotor da educação básica numa perspectiva igualitária que envolve o reconhecimento e respeito à diversidade cultural presente no contexto escolar, que seja capaz de enfrentar o desafio de valorizar a cultura de todos”.

Talvez como uma forma de protesto ou mesmo para reflexão, gostaríamos de deixar a letra de uma música escrita pelo cantor e compositor Gabriel, O pensador, lançada em 1995. Letra esta que fala de diversos pontos discutidos neste trabalho, como por exemplo, as punições, conflito entre o professor e o aluno, a violência sob influência da mídia, mas que, sobretudo, resume a situação da Educação brasileira que ainda encontramos atualmente:

ESTUDO ERRADO

Gabriel, o Pensador

Eu tô aqui Pra quê?

Será que é pra aprender?

Ou será que é pra sentar, me acomodar e obedecer?

Tô tentando passar de ano pro meu pai não me bater
Sem recreio de saco cheio porque eu não fiz o dever
A professora já tá de marcação porque sempre me pega
Disfarçando, espiando, colando toda prova dos colegas

E ela esfrega na minha cara um zero bem redondo
E quando chega o boletim lá em casa eu me escondo
Eu quero jogar botão, vídeo-game, bola de gude
Mas meus pais só querem que eu "vá pra aula!" e "estude!"

Então dessa vez eu vou estudar até decorar cumpádi
Pra me dar bem e minha mãe deixar ficar acordado até mais tarde

Ou quem sabe aumentar minha mesada
 Pra eu comprar mais revistinha (do Cascão?)
 Não. De mulher pelada
 A diversão é limitada e o meu pai não tem tempo pra nada
 E a entrada no cinema é censurada (vai pra casa pirralhada!)

A rua é perigosa então eu vejo televisão
 (Tá lá mais um corpo estendido no chão)
 Na hora do jornal eu desligo porque eu nem sei nem o que é inflação
 - Ué não te ensinaram?
 - Não. A maioria das matérias que eles dão eu acho inútil
 Em vão, pouco interessantes, eu fico pu..
 Tô cansado de estudar, de madrugar, que sacrilégio
 (Vai pro colégio!!)

Então eu fui relendo tudo até a prova começar
 Voltei louco pra contar:

Manhê! Tirei um dez na prova
 Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
 Decorei toda lição
 Não errei nenhuma questão
 Não aprendi nada de bom
 Mas tirei dez (boa filhão!)

Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi
 Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
 Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi

Decoreba: esse é o método de ensino
 Eles me tratam como ameba e assim eu não raciocino
 Não aprendo as causas e conseqüências só decoro os fatos
 Desse jeito até história fica chato

Mas os velhos me disseram que o "porque" é o segredo
 Então quando eu num entendo nada, eu levanto o dedo
 Porque eu quero usar a mente pra ficar inteligente
 Eu sei que ainda não sou gente grande, mas eu já sou gente

E sei que o estudo é uma coisa boa
 O problema é que sem motivação a gente enjoa
 O sistema bota um monte de abobrinha no programa
 Mas pra aprender a ser um ingonorante (...)

Ah, um ignorante, por mim eu nem saía da minha cama (Ah, deixa eu dormir)

Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre
 Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste
 - O que é corrupção? Pra que serve um deputado?
 Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!
 Ou que a minhoca é hermafrodita
 Ou sobre a tênia solitária.
 Não me faça decorar as capitânicas hereditárias!! (...)

Vamos fugir dessa jaula!
 "Hoje eu tô feliz" (matou o presidente?)
 Não. A aula
 Matei a aula porque num dava
 Eu não agüentava mais
 E fui escutar o Pensador escondido dos meus pais
 Mas se eles fossem da minha idade eles entenderiam
 (Esse num é o valor que um aluno merecia!)

Íííh... Sujô (Hein?)
 O inspetor!
 (Acabou a farra, já pra sala do coordenador!)

Achei que ia ser suspenso mas era só pra conversar

E me disseram que a escola era meu segundo lar
E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente
Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!

Então eu vou passar de ano

Não tenho outra saída
Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida
Discutindo e ensinando os problemas atuais
E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais
Com matérias das quais eles não lembram mais nada
E quando eu tiro dez é sempre a mesma palhaçada

Manhê! Tirei um dez na prova
Me dei bem tirei um cem e eu quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão!)

Encarem as crianças com mais seriedade
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
Vocês tratam a educação como um negócio
Onde a ganância, a exploração, e a indiferença são sócios

Quem devia lucrar só é prejudicado
Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio...

Juquinha você tá falando demais assim eu vou ter que lhe deixar sem recreio!

Mas é só a verdade professora!
Eu sei, mas colabora se não eu perco o meu emprego.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças.. **Violências nas escolas**: versão resumida. Brasília: UNESCO, 2003. 88p.

ALMEIDA, Kathanne Lopes; SILVA, Anamaria Cavalcante e; CAMPOS, Jocileide Sales. A importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura. **Revista de Pediatria**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p.8-16, 2008.

ANDRADE, Elaine Vasconcelos de; BEZERRA JR., Benilton. Uma reflexão acerca da prevenção da violência a partir de um estudo sobre a agressividade humana. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, Apr. 2009.

ANTUNES, Deborah Christina; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.33-41, 2008.

ASSIS, Orly Zucatto Mantovani de; VINHA, Telma Pillegi. O processo de resolução dos conflitos interpessoais na escola autocrática e democrática. **Revista Formadores: Vivências e Estudos**, Cachoeira, v. 1, n. 1, p.63-80, 2004.

AVILÉS, José Maria; CASARES, Inés Monjas. Estudio de incidencia de la intimidación y el matrato entre iguales en la educación secundaria obligatoria mediante el cuestionario CIMEI, 1999. **Anales de Psicología**, v. 21, n. 1, p. 27-41, Jun. 2005.

BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú de. *Bullying* e Educação Física na Escola: Características, Casos, Consequências e Estratégias de Intervenção. **Revista de Educação Física: Escola de Educação Física do Exército**, Riode Janeiro, n. , p.58-70, 2007.

BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Justiça nas Escolas**. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12311&Itemid=1249>. Acesso em: 20 out. 2010.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização : questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005. 159 p.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, Jan. 2007. p. 11-28.

CHRISPINO, Alvaro; DUSI, Miriam Lucia Herrera Masotti. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, Dec. 2008.

CUBAS, Viviane de Oliveira; ALVES, Renato; RUOTTI, Caren. **Violência na Escola: Um guia para pais e professores**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 264 p.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.) **Violência nas Escolas – dez abordagens européias**. Brasília: UNESCO, 2002

FANTE, Cleo. **Fenômeno *Bullying*: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Verus editora, 2005.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a Teoria e a sua História. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p.31-59.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz A Terra, 2005. 213 p.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FDE. Secretaria da Educação. **Normais Gerais de Conduta Escolar: Sistema de Proteção Escolar**. 2009a. Disponível em: <http://www.fde.sp.gov.br/Arquivo/normas_gerais_conduta_web.pdf>. Acesso em: 21 set. 2010.

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FDE. Secretaria da Educação. **Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania: Sistema de Proteção Escolar.** 2009b. Disponível em: <http://www.fde.sp.gov.br/Arquivo/normas_gerais_conduta_web.pdf>. Acesso em: 21 set. 2010.

GALLEGO, Andréa Bonetti; BECKER, Maria Luiza. Adolescência e respeito: a docência que faz a diferença. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética**, Marília, v. 1, n. 1, p.116-133, Não é um mês valido! 2008.

LA TAILLE, Yves de. Autoridade na escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternati-vas teóricas práticas** São Paulo: Summus Editorial, 1999. p. 9-30.

LOPES, Ruth Gonçalves de Faria. Do senso comum à filosofia: apontamentos sobre minha leitura de Gramsci. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 1, n. 1, p.40-43, dez. 1996.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, nov. 2005.

LÜDORF, Sílvia M. Agatti. **Metodologia da Pesquisa: Do projeto à monografia.** Rio de Janeiro: Shape, 2004. p.

MIGUEL, Rebeca Signorelli, PRODÓCIMO, Elaine. A escola tradicional e a agressividade: um estudo com alunos de 1a a 4a série do Ensino Fundamental. In **Anais Eletrônicos do I Congresso de Pesquisas em Psicologia e Educação Moral: Crise de valores ou Valores em Crise?** Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2009, p. 249-254.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs). **Textos em Representações Sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p.89-111.

PORTO, Maria Estela Grossi. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 16, jul/dez 2006, p.250-273, 2006.

PRODÓCIMO, Elaine. Agressividade na Escola: o que pensam os professores, VIII Congresso Nacional de Educação – Educere (Edição Internacional), III **Congresso Ibero – Americano Sobre Violências Nas Escolas – CIAVE**, Temática: Formação de Professores Pontifícia Universidade Católica Do Paraná Curitiba, 06 A 09 de Outubro de 2008.

PRODÓCIMO, Elaine. Um olhar sobre o *Bullying*: reflexões a partir da Cultura. IX **Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009, p.7375-7387.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino (2005). Violência na escola: os sinais de *bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In: Pontes, Aldo; De Lima, V. S.: **Construindo saberes em educação**. Porto Alegre: Editora Zouk, p.11-32.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Estamos em conflito: eu, comigo e com você! Uma reflexão sobre o *bullying* e suas causas afetivas. In: **Escola, conflitos e violência**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino et al. Como se dá a relação com a autoridade na escola?: Um olhar a partir de situações de *bullying*. In: **Seminário Violar, 1.**, 2010, Campinas: Editora Unicamp, Fapesp, 2010. 19 p. CD-ROM.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. *Bullying* e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução (2010). In: Actas do 8°. **Congresso Nacional de Psicologia da Saúde: Saúde, Sexualidade e gênero**. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. Anais eletrônicos. ISBN 978-972-8400-97-2

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 282 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato. **O fenômeno *Bullying* e as suas conseqüências psicológicas.** Disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>>. Acesso em: 08 set. 2009.

FERRARI, Ilka Franco. O mal-estar do professor frente à violência do aluno. **Revista Mal-estar E Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p.261-280, set. 2005.

FREIRE, Isabel et al. Prevenção da violência entre pares/Promoção da convivência nas escolas – Um projecto colaborativo. **Intercções**, Lisboa, n. 13, p.229-248, 2009.

GHIGGI, Gomercindo. Paulo Freire e o Conceito de Autoridade em Programas de Formação de Professores. **Currículo Sem Fronteiras**, Pelotas, v. 1, n. 2, p.151-170, dez. 2001.

GOMES, Jenifer Medeiros. **As configurações do fenômeno *Bullying* no ambiente escolar e suas implicações psicológicas.** 2007. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2007.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p.101-138, mar. 2002.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin et al. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. **Cadernos de Pesquisa**, São Leopoldo, v. 35, n. 126, p.635-658, dez. 2005.

TAKI, Mitsuru. **Japanese School *Bullying*: Ijime:** A survey analysis and an intervention program in school. National Institute for Educational Policy Research of Japan.